



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas – FATECS

ANNA JULLIA SOUSA LIMA

A DENSIDADE DA DESCRIÇÃO EM LIVROS-REPORTAGENS

**Estudo de aproximação da etnografia com jornalismo em
“O olho da rua” e “Holocausto Brasileiro”**

BRASÍLIA

2017

ANNA JULLIA SOUSA LIMA

A DENSIDADE DA DESCRIÇÃO EM LIVROS-REPORTAGENS

**Estudo de aproximação da etnografia com jornalismo em
“O olho da rua” e “Holocausto Brasileiro”**

Monografia apresentada como requisito parcial para a graduação no bacharelado em Jornalismo, do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB.

Orientador: Prof^o Me. Luiz Cláudio Ferreira

BRASÍLIA

2017

ANNA JULLIA SOUSA LIMA

A DENSIDADE DA DESCRIÇÃO EM LIVROS-REPORTAGENS

**Estudo de aproximação da etnografia com jornalismo em
“O olho da rua” e “Holocausto Brasileiro”**

Monografia apresentada como requisito parcial para a graduação no bacharelado em Jornalismo, do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Orientador: Prof^o. Me. Luiz Cláudio Ferreira

Brasília, 24 de novembro de 2017.

Banca examinadora

Prof^o. Me. Luiz Cláudio Ferreira
Orientador

Prof^a. Dra. Carolina Assunção e Alves
Examinadora

Prof^o. Me. Frederico Castilho Tomé
Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Sonia Maria e Eudécio por me mostrarem a força e sutileza necessárias para viver sorrindo. Sem eles eu não teria as oportunidades que tenho e não saberia o que é amor, força e firmeza. Agradeço aos mestres e doutores que compartilharam seus conhecimentos comigo durante a graduação. Especialmente a Luiz Cláudio que como professor e orientador se mostrou um apaixonado pelo que faz, com um olhar humanizado e delicado que define seu trabalho. Agradeço a todas as professoras que tive durante essa fase de faculdade. São para mim exemplos de força e empoderamento feminino. Gratidão à paciência, compreensão e companheirismo de Lara, dona do melhor sorriso. Também à cumplicidade e união estabelecida com Lucas. Amigo dentro e fora do ambiente universitário, ele foi a pessoa que sempre esteve por perto com uma alegria contagiante.

RESUMO

A pesquisa busca identificar a densidade da descrição e demonstrar o uso de técnicas da etnografia pelo jornalismo para a coleta de dados para a produção de livros-reportagens, com viés social e com apuração em profundidade. O trabalho busca trechos dos livros *O Olho da Rua*, de Eliane Brum, e *Holocausto Brasileiro*, de Daniela Arbex, duas jornalistas brasileiras premiadas. A análise das reportagens, feita por intermédio do método observativo-comparativo, demonstra a utilização da observação-participante e direta feita pelas repórteres, o que eleva a densidade do material. A contemplação das personagens e dos cenários com a devida proximidade torna viável a percepção e expressão de pormenores e minúcias percebidas mediante o contato direto.

Palavras-chaves: Etnografia; Jornalismo; Antropologia; Jornalismo social.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 7 |
| 1 JORNALISMO SOCIAL | 10 |
| 2 JORNALISMO E LITERATURA: PROXIMIDADES E DIFERENÇAS | 16 |
| 3 O LIVRO-REPORTAGEM | 19 |
| 4 ETNOGRAFIA | 23 |
| 4.1 ETNOGRAFIA E JORNALISMO: POSSÍVEL RELAÇÃO..... | 26 |
| 5 NARRATIVA E PERSONAGENS | 29 |
| 5.1 A NARRATIVA..... | 29 |
| 5.2 A PERSONAGEM..... | 30 |
| 6 MÉTODO | 33 |
| 7 ANÁLISE | 36 |
| 7.1 O OLHO DA RUA: UMA JORNALISTA EM BUSCA DA LITETURA DA VIDA REAL | 36 |
| 7.2 A O HOLOCAUSTO BRASILEIRO..... | 45 |
| 7.3 PROBLEMÁTICAS DE COMPARAÇÃO..... | 51 |
| 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 56 |
| REFERÊNCIAS | 58 |

INTRODUÇÃO

Quem é o outro diante de si? Um pedaço do discurso? Um refúgio operativo do texto? A história desarvorada, cantada por conveniência. O outro diante do jornalista é o mistério a cada letra, não cabe em um bloquinho de anotações, nem mesmo em nossos olhares. Chegar perto do outro refaz o caminho de pensar em estudar jornalismo. Mirar com as tintas. Abrir picadas na estrada. A presente pesquisa é aberta com uma premissa de que é necessário observar e chegar perto. De que o jornalismo deve ser construído a serviço de alguém. Abre-se o jornal e encontram-se matérias sobre problemas urbanos, sociais que não dizem tanto, e sobram mais dúvidas do que certezas sobre cotidianos que dão voz apenas às autoridades públicas: o policial, o funcionário público que serve ao Estado, os governantes com promessas. Esta pesquisa nasceu da ideia de provocar reflexões, contribuir com a maneira de mostrar o social e o urbano de povos invisíveis aos leitores de realidades diferentes, por meio de materiais jornalísticos mais sensíveis e humanizados. O jornalismo se faz do outro.

O estudo, portanto, explora o universo do jornalismo de profundidade, aquele descrito pelo olhar de quem esteve presente, vivenciou e teve contato com os menos favorecidos da história contada. O jornalismo pode ser próximo, delicado e sensível, sem deixar, claro, de ser duro como a realidade exige. Fugir do que tem sido feito pela grande mídia e mostrar o rosto dos cobertos de poeira. Uma vez que a mídia, em especial o jornalismo, tem credibilidade com o público - chamada, por vezes, de “quarto poder”¹ - faz-se necessário uma abordagem mais sensível, próxima e profunda, que mostre aos poucos a dor dos muitos invisíveis.

1

De acordo com Daniel Boorstein (1971: 124), em 1828, surgiu a expressão “quarto poder”, em referência à imprensa. McCaulay, deputado do parlamento inglês, apontou para a galeria onde estavam sentados os jornalistas e gritou: “Fourth Estate!” (Quarto Poder). Nelson Traquina (2005: 46) sustenta que o deputado referia-se ao quarto *état*, fazendo alusão aos três *états* da Revolução Francesa. Na democracia a imprensa seria o “quarto” poder, responsável por vigiar os outros três: executivo, legislativo e judiciário.

Sob essa ótica, o objetivo geral desta pesquisa é analisar conteúdos de livros-reportagens que tornaram problemas sociais e os cenários como os protagonistas das histórias e identificar como conhecimentos da pesquisa etnográfica puderam colaborar com o jornalismo em profundidade. Faz a análise por meio do método observativo-comparativo, em que são buscadas tendências, padrões e divergências entre os materiais analisados.

O trabalho tomou como amostragem os livros-reportagens *O olho da Rua*, de Eliane Brum - especificamente as reportagens *A Casa de Velhos* e *Um País Chamado Brasilândia* - e *Holocausto Brasileiro*, de Daniela Arbex, que tornaram questões sociais e as histórias de pessoas privadas de liberdade instaladas em instituições como a vida não vivida, mas vivenciada de brasileiros privilegiados pela liberdade. A escolha se deu porque as obras colocaram os leitores “dentro” dos ambientes descritos e trouxeram para perto deles a delicadeza dos protagonistas das histórias contadas.

Além disso, a pesquisa identifica como conhecimentos da pesquisa etnográfica puderam e podem colaborar com o jornalismo em profundidade, com a proximidade e delicadeza das reportagens sociais e analisa a importância do jornalismo literário neste contexto de produção. A finalidade, assim sendo, é buscar meios de se entender se a pesquisa etnográfica, tomada por empréstimo de um conceito das ciências sociais, pode contribuir para a profundidade e sensibilidade das reportagens de interesse e abordagem social.

O projeto discute ainda a importância e o que representa o livro-reportagem para o jornalismo, em especial o brasileiro. Trata sobre o papel social do jornalismo em profundidade e sua importância dentro da sociedade e identifica conceitos da pesquisa etnográfica no jornalismo.

O presente estudo está dividido de forma que o primeiro capítulo trata do olhar social do jornalismo, a importância e representação do jornalismo para as mudanças sociais e a visibilidade necessária para os invisíveis. Faz um resgate histórico do jornalismo do Brasil e dos Estados Unidos e busca o surgimento do ideal romântico de “guardião da sociedade” que o jornalista carrega em sua profissão. O segundo capítulo aborda a relação do jornalismo com a literatura,

as distâncias e intersecções entre as duas vertentes e a relação com as reportagens. O terceiro capítulo trata sobre o conceito, a importância e o apreço do público em relação ao livro-reportagem. O quarto capítulo reflete sobre a pesquisa etnográfica nas ciências sociais e a possível relação com o jornalismo, como pode colaborar para a apuração e produção dos materiais jornalísticos. No quinto capítulo, a pesquisa explora como são reproduzidos "perfis e personagens" no jornalismo social. No sexto capítulo a metodologia utilizada para a análise é explicada. Por fim, no sétimo capítulo é exposta a análise da pesquisa.

1 JORNALISMO SOCIAL

“Guardião da sociedade”. “Quarto Poder”. “Responsabilidade social”. “Praticar a cidadania”. A idealização romântica que o jornalista carrega na mochila durante sua trajetória da profissão não é peso leve e muitas vezes faz doer as costas. Esclarecer leigos, enaltecer invisíveis, ouvir os menos ouvidos e dar voz aos que não tem vez são partes do dilema da profissão. De onde vêm essa idealização romântica do jornalismo?

Desde o surgimento da imprensa no Brasil, em 1808, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, único jornal à época, era um impresso no qual o público lia sobre as particularidades do cotidiano da família real portuguesa instalada na colônia e sobre os acontecimentos na Europa.

Por meio dela só se informava ao público, com toda a fidelidade, do estado de saúde de todos os príncipes da Europa e, de quando em quando, as suas páginas eram ilustradas com alguns documentos de ofício, notícias de dias natalícios, odes e panegíricos da família reinante. Não se manchavam essas páginas com as efervescências da democracia, nem com exposição de agravos. A julgar-se do Brasil pelo seu único periódico, devia ser considerado um paraíso terrestre, onde nunca se tinha expressado um só queixume. (ARMITAGE, 1914 apud SODRÉ, 1999, p. 20).

Durante a mesma época, Hipólito da Costa ensaiou um pouco do jornalismo que assume o papel de informante para o público ao produzir o jornal *Correio Braziliense*. O jornal era produzido pelo brasileiro em Londres, na Inglaterra, e era caracterizado pelo cunho opinativo e político. Durante sua produção, teve forte influência sob o público leitor formado pela burguesia da Europa e do Brasil Colônia que ansiava pela independência. O jornal foi importante para a mudança da estrutura política da colônia portuguesa e a chegada do jornalismo útil e social. Este foi o primeiro contato do Brasil com o jornalismo informativo e crítico que desmascarava as peripécias do poder governante.

O jornal de Hipólito, ao contrário, destinava-se a conquistar opiniões; esta era a sua finalidade específica. Mensalmente, reunia em suas páginas o estudo das questões mais importantes que afetavam a Inglaterra, Portugal e Brasil, questões velhas ou novas, umas já postas

de há muito, outras emergindo com os acontecimentos. Em tudo o Correio Brasiliense se aproximava do tipo de periodismo que hoje conhecemos como jornal - embora fosse exemplo rudimentar desse tipo. (SODRÉ, 1999, p. 22)

Ao perceber a força das palavras de Hipólito da Costa a corte lusa instalada no Brasil contra-atacou financiando a abertura de jornais para competir com o Correio. Todos, porém, foram fechados ou menosprezados pelo gosto geral, uma vez que a própria burguesia europeia já se interessava pela independência do Brasil Colônia a que Hipólito da Costa defendia.

Ainda antes da independência brasileira, em 1821, surgiu o *Diário do Rio de Janeiro*, fundado e escrito pelo português Zeferino Vito de Meireles (SODRÉ, 1999) e que teve de fato característica informativa e útil ao leitor sobre o Brasil, então Colônia.

Foi, realmente, o primeiro jornal informativo a circular no Brasil. Diário, ocupava-se quase tão somente das questões locais, procurando fornecer aos leitores o máximo de informação. (SODRÉ, 1999, p.50)

Ainda em 1821, o *Diário Constitucional* surgiu como o primeiro periódico que defendia os interesses brasileiros, circulando em território nacional, na Bahia, então capital. Nos anos de 1821 e 1822 surgiram e desapareceram diversos periódicos brasileiros de cunho político e informativo. A liberdade de imprensa que tropeçava chegando junto à independência brasileira tornou esse momento possível.

De forma sumária, com esses periódicos se constitui a imprensa brasileira, na tormentosa fase do processo da Independência que antecedeu e sucedeu imediatamente a sua proclamação: o jornalismo de 1821 e 1822 (SODRÉ, 1999, p.75).

Nesse período, o jornalismo teve papel importante para a opinião geral em relação à independência da colônia. Opinativos e políticos, os periódicos produzidos nessa época atenderam à necessidade dos leitores e os elucidou sobre o contexto político da época. Foi o protótipo do noticiário útil ao cidadão.

A quantidade de diários e pasquins surgidos nesse momento foi grande e seus nomes demonstravam os interesses dos periódicos de explanar e informar o público leitor já àquela época: *Cartas ao Povo*, *O Grito da Pátria contra os*

anarquistas, A Sentinela da Liberdade, O Brasileiro e O Nacional. Pode-se afirmar que o “espírito” de responsabilidade social do jornalismo brasileiro vem desde esse período, pois havia nos jornalistas - ou em quem criava e redigia os jornais da época, visto que nesse período da história não havia profissionais da área - de informar e influenciar o público leitor, denunciando as forças políticas portuguesas que insistiam em dominar o país, então território português. São jornais criados nos períodos de 1931 e 1932 que já carregavam os ideais de utilidade pública e guardião de sociedade. Buscavam elucidar o público leitor dos feitos portugueses em solo brasileiro.

No início do século 20, questões sociais passaram a ser o foco de protestos de movimentos estudantis e operários que se destacaram naquele período. Novos jornais surgiram trazendo à tona problemas dos trabalhadores e reivindicando os direitos e melhorias para essa parcela da população. Até então, as redações eram tomadas por literatos e intelectuais como Machado de Assis, Euclides da Cunha e Olavo Bilac, que encontravam no jornalismo maior reconhecimento pelos seus trabalhos. A presença de literatos nas redações e na produção de materiais jornalísticos trouxe à imprensa brasileira a proximidade com a literatura.

Mas foi com a chegada da democracia que as questões sociais ganharam destaque na imprensa brasileira. Durante o período do governo de Getúlio Vargas (1937-1945), o jornalismo cambaleou, sendo fortemente censurado. As redações eram vistoriadas e invadidas e jornalistas presos e torturados quando “subvertiam” as ordens ditadas pelo governo e cometiam “delitos de imprensa” (NOBRE, 1950 apud SODRÉ, 1999).

Com o fim desse período, a democracia chegou a dar o primeiro suspiro no país, mas logo o golpe militar novamente trouxe tempos sombrios aos brasileiros e à imprensa. Durante o Regime Militar (1964-1985), a imprensa também sofreu duras repressões por parte das forças armadas. O jornalismo cidadão, segundo Alzira Alves de Abreu (2003) surgiu com a chegada da

democracia e da constituição de 1988, a "Constituição cidadã". Para a autora (2003), o jornalismo cidadão surgiu junto com a democracia.

É evidente que a informação é um dos elementos fundamentais para que o indivíduo possa exercer plenamente os seus direitos. A imprensa é um veículo que fornece informações aos cidadãos e, simultaneamente, lhes dá a possibilidade de levar suas demandas até os responsáveis pelas decisões que afetam a vida em sociedade. A imprensa tem por função dar visibilidade à "coisa pública", e a visibilidade é uma condição da democracia. (ABREU, 2003, p. 25-40)

Nesse momento de enaltecimento da democracia, da cidadania e dos direitos dos indivíduos, o jornalismo assume de fato a premissa de "utilidade social" e "prática da cidadania". Para Abreu (2003), o termo se refere ao trabalho do jornalista de servir aos interesses dos cidadãos e a responder às preocupações do público.

A democracia e o conceito de cidadania, chegados após o fim do Regime Militar no Brasil e das guerras mundiais, levou ao jornalismo a sensibilidade antes ausente. Foram previstos na Constituição direitos à informação, à educação e à cultura, além de outros que diziam respeito a temas sociais. A população participou da elaboração das normas e pressionou a votação das emendas. "Pela primeira vez, uma constituição brasileira deu destaque aos direitos sociais, abrindo um capítulo de Declaração de Direitos" (ABREU, 2003, p. 25). Diante dos direitos adquiridos, da democracia e de um poder judiciário que se viu sem condições de atender todas as demandas requeridas da população, a mídia se tornou o principal meio de busca de atendimento e respostas por parte dos cidadãos. "Por fim, a mídia tornou-se o meio de exigir seus direitos e garantir acesso ao judiciário" (ABREU, 2003). A partir daí, a imprensa estaria comprometida apenas com o cidadão, com o interesse público. Por isso, a função do jornalista nas sociedades democráticas se assemelha em alguns pontos com a do educador, responsável por impor certa clareza ao caos dos acontecimentos (NEVEU, 2006).

Essa preocupação com o cidadão e o uso do jornalismo como "utilidade social" surgiu no Brasil nesse momento de retorno à democracia. Aos jornais era

atribuído o dever de servir aos interesses do público, assim como o que foi experimentado nos Estados Unidos com o jornalismo público e cívico.

O *public* e o *civic journalism* “(...) trazia algumas belas ideias sobre como ligar-se de novo à comunidade usando novas técnicas, entre elas descobrindo o que queriam os eleitores e depois pedir aos candidatos que concentrassem sua atenção nesse objetivo” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003). Entretanto, esse movimento de preocupação com o público continha erros como permitir que as urnas agendassem ou usassem a bandeira do jornalismo cívico como estratégia de marketing em benefício dos candidatos políticos. Apesar do problema, percebe-se que nos Estados Unidos já se falava em jornal focado no público.

Ainda neste país surge a ideia de colocar o público como finalidade do jornal e deixar de lado as influências políticas e o sensacionalismo, em 1986. Adolph Ochs comprou o *New York Times*, cambaleante àquele momento, e publicou um novo jornal, objetivo, livre de aspectos políticos e empresariais e fiel em transmitir a notícia. O periódico tornou-se gradativamente o mais influente de Nova York e depois do mundo e esclareceu ao setor comercial que a melhor estratégia financeira era colocar o público leitor acima dos próprios interesses da empresa. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 85). O fato evidencia o aparecimento do jornalismo cívico, “preocupado” com as necessidades do cidadão, ainda que o ideal tenha surgido como estratégia financeira do setor comercial de empresas jornalísticas.

Esse novo jornalismo pretendia impor uma nova agenda de opinião e se tornar o intérprete dos cidadãos quanto à hierarquia dos problemas e à escolha das soluções pela comunidade. (ABREU, 2003)

Em 1964, ao mesmo tempo em que os jornais brasileiros sofriam duras repressões pelo Regime Militar, o mais importante prêmio do jornalismo nos Estados Unidos, *Pulitzer*, premiou o *Philadelphia Bulletin*, pela denúncia de corrupção policial na cidade. O fato exaltou as investigações jornalísticas e fez surgir uma nova fase do jornalismo norte-americano: a da reportagem investigativa. Kovach e Rosenstiel (2003) explicam que essas raízes

investigativas tiveram força para formar um princípio fundamental do jornalismo de que os jornalistas devem ser “monitores independentes do poder”.

Nesse processo, eles estabeleceram a reportagem investigativa como um dos primeiros princípios que diferenciaria, junto ao público, o jornalismo de outros meios de comunicação. Era o papel de guardião que fez do jornalismo, na frase de James Madison, “um baluarte da liberdade”, da mesma forma como a verdade, no caso de John Peter Zenger, tornou-se a suprema defesa da imprensa. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 172)

A ideia de guardião da sociedade e o espírito heroico do jornalista ganha força maior a partir dessa fase do jornalismo americano, uma vez que a pretensão da reportagem investigativa era denunciar os poderes políticos com base em averiguações minuciosas e extensas.

2 JORNALISMO E LITERATURA: PROXIMIDADES E DIFERENÇAS

A presença da literatura no jornalismo, que principiou o chamado Jornalismo Literário, gera divergências entre os estudiosos. Pena (2013) relata no livro *Jornalismo Literário* que no Brasil, para alguns autores, o termo refere-se ao período do jornalismo em que os escritores invadiram as redações e trabalharam como jornalistas. Para outros, refere-se à crítica literária. Mas segundo o autor, “há ainda os que identificam o conceito com o movimento conhecido como *New Journalism*, iniciado nas redações americanas da década de 1960” (PENA, 2013, p.21).

O *New Journalism* surgido nos Estados Unidos manifesta-se com o intuito de ir além do texto de serviço, cotidiano. Era uma nova vertente do jornalismo que ia contra a premissa da objetividade e imparcialidade. Importantes nomes como Gay Talese, Truman Capote e Tom Wolfe são considerados os pioneiros deste gênero. Referências na vertente, esses jornalistas "almejavam uma narrativa de não ficção que muitas vezes oscila entre as fronteiras imperceptíveis existentes entre o jornalismo e a literatura" (RITTER, 2013, p.57). O mais influente representante do Novo Jornalismo, Tom Wolfe, escreveu um manifesto em 1973 em que assumia o *New Journalism* como a nomenclatura daquele estilo de narrativa, a qual exprime a verdade dos fatos por meio de técnicas literárias. O gênero cresceu em virtude da insatisfação da classe jornalística com regras ditatoriais como o *lead*, a objetividade e a imparcialidade. Segundo Pena (2013), a ideia central do gênero era fugir do “aborrecido tom bege pálido dos relatórios que caracterizava a tal imprensa objetiva” (PENA, 2013, p. 54).

Os repórteres devem seguir o caminho inverso e serem subjetivos. Não precisam ter a personalidade apagada e assumir a encarnação de um chato de pensamento prosaico e escravo do manual de redação. O texto deve ter valor estético, valendo-se sempre de técnicas literárias. (PENA, 2013, p.54)

No Brasil, a imprensa tomou seu primeiro contato com a literatura ainda no século 19, com a presença dos literatos que trabalhavam para os jornais.

Nomes como Machado de Assis, Euclides da Cunha, Raul Pompeia e Visconde de Taunay eram comuns nas páginas dos impressos brasileiros. Para os jornais, a presença de escritores produzindo conteúdo angariava leitores e, conseqüentemente, o lucro aumentava. Para os escritores, o trabalho também valia a pena por receberem um salário fixo, em dia e por ganharem maior visibilidade. A proximidade da literatura e do jornalismo tornou possível a simbiose de características dos profissionais de ambas as áreas. O escritor Moacyr Scliar fala sobre a fértil convivência entre as duas atividades, referindo-se ao tempo em que trabalhou em redação de jornal escrevendo crônicas. Para ele, os escritores aprendem com os jornalistas como serem objetivos, como escrever mesmo sem inspiração e como escrever o que se deseja com o curto espaço que se tem. Por outro lado, o jornalismo também absorve conhecimento dos literatos: aprende como cuidar da forma, a escrever e a reescrever. "Ensina a privilegiar a imaginação - mas não demais: realidade é realidade, ficção é ficção". (CASTRO; GALENO, 2002). Por outro lado, Manuel Rivas, jornalista e escritor, propõe que jornalismo e literatura são o mesmo.

Para mim [jornalismo e literatura] sempre foram o mesmo ofício. O jornalista é um escritor. Trabalha com palavras. Busca comunicar uma história e o faz com vontade de estilo (...) Quando têm valor, o jornalismo e a literatura servem para o descobrimento da outra verdade, do lado oculto, a partir da investigação e acompanhamento de um acontecimento (RIVAS, p. 23, 1998 in CASTRO; GALENO, 2002).

A partir desse momento, a reportagem passa a ser o recurso literário e mercadológico do jornalismo, atrelado ao jornalismo interpretativo. Ao adotá-lo, os jornalistas entendem que esse conteúdo pode ampliar o simples e raso relato factual. Pode tornar possível à própria interpretação do leitor por meio do aprofundamento dos fatos relatados. Para Paulo Roberto Leandro e Cremilda Medina, a partir da Primeira Guerra Mundial, século 20, é que a imprensa se descobre presa aos fatos, relatados com exigente objetividade. Daí surge a vontade do leitor de um tratamento informativo diferenciado, de maior qualidade, profundidade e que não apenas narre os fatos mas que torne possível a interpretação do ocorrido. Como consequência, as grandes-reportagens surgem buscando interpretação, profundidade e elucidação dos fatos.

Com a chegada da nova maneira de se fazer jornalismo, com a presença dos literatos nas redações e com a presença de questões sociais nas pautas das reportagens, fato que surgiu na mesma época, o jornalismo abre-se para a sensibilidade social fazendo uso da retórica literária.

O jornalismo literário, o chamado Novo Jornalismo, como já explicado, adota características da linguagem literária para a produção da narrativa. Sendo assim, o texto desse tipo de jornalismo aproxima-se da ficção, exceto pelo fato de que se trata da realidade, de personagens e ambientes reais (WEBBER, 2014). Para Motta (2010), uma convergência possível entre a literatura e o jornalismo é a centralização de personagens nas narrativas. Entretanto, a personagem da narrativa jornalística não é criada por meio da imaginação pois o fato real a relaciona ao ser humano também real. A dicotomia entre fato real e ficção é a principal divergência. Embora a ficção literária seja diferente, há semelhanças entre ela e a tal construção jornalística de realidade, pois ambas produzem efeitos parecidos, segundo Sodré (2009). Para o autor, a notícia de jornal difere do texto literário, mas tem origem da narrativa.

3 O LIVRO-REPORTAGEM

A reportagem é o elo entre o jornalismo e a literatura. Apesar de haver divergências entre os ofícios, há intersecções que agregam valores e geram à literatura e ao jornalismo uma modalidade importante: o livro-reportagem. Importantes nomes como Gay Talese e Truman Capote, Fernando Morais e Daniela Arbex, entre outros, demonstram que o profundo e interpretativo jornalismo literário faz uso do mercado editorial e da narrativa literária para ampliar o conteúdo que não cabe nas páginas do jornal impresso e esclarecer ao público os pormenores de uma grande-reportagem. Mais que isso, o livro-reportagem aparece como salvação para aqueles jornalistas que precisavam de mais que trinta centímetros de um papel disputado com a publicidade.

“O livro-reportagem é um instrumento de conhecimento”, segundo Lima (1995, p.264). Por meio dele, o público pode ter acesso àquilo que não é dito nos noticiários. É possível ao leitor entrar em contato com os fatos além do *lead* e alcançar a própria interpretação. É um dispositivo que cumpre função educativa por meio da linguagem acessível e narrativa literária (LIMA, 1995).

As linhas do tempo e espaço se enriquecem: enquanto a notícia fixa o aqui, o já, o acontecer, a reportagem interpretativa determina um sentido desse aqui num circuito mais amplo, reconstitui o já no antes e depois, deixa os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal, ou menos presente. (LEANDRO e MEDINA, 1988, p. 22)

O nascimento do livro-reportagem não é exato, mas sabe-se que se deu em meio à produção jornalística europeia no século 19 e ganhou força como subgênero da literatura. Lá, os jornais sempre estiveram mais próximos do *modus operandi* do jornalismo literário e, conseqüentemente, do livro-reportagem.

A tradição do jornalismo europeu sempre foi muito diferente do padrão norte-americano. O emprego maciço da pirâmide invertida (enumeração dos fatos por ordem decrescente de importância) e do *lead* (parágrafo inicial da reportagem, no qual devem ser resumidos os principais aspectos do texto), que prevaleceu nos Estados Unidos e foi rapidamente adotado no Brasil, nunca fez escola nas publicações mais importantes do Velho Continente. A notícia seca, curta e direta até existe, mas em pequena escala. E costuma estar cercada por

numerosos exemplos diários de textos mais longos, analíticos e formais. (BELO, 2006, p.20)

A prática dessa maneira de fazer jornalismo fez com que os repórteres europeus consolidassem o hábito de produzir narrativas como um desafio de inteligência e compreensão. Tratavam assuntos considerados importantes com pompa e espírito crítico e, assim, a mídia desse continente colaborou para a criação de um mercado produtor e consumidor de livros em que o jornalismo analítico ganha destaque e maior consistência (BELO, 2006).

Ao citar livros-reportagem como *Los Mares de México: crônicas de la tercera frontera*, de David Martín del Campo, *El Karina*, de Germán Castro Caicedo, *Olga*, de Fernando Morais e outros, Edvaldo Pereira Lima (1995) defende que

Todos esses títulos evidenciam que o livro-reportagem, em maior ou menor grau, ocupa um espaço próprio de importância no mercado editorial, variando de país a país, no mundo ocidental, conforme a pujança e a maturidade do setor. Mas é inegável que essa modalidade de veiculação da grande-reportagem faz parte do já vasto panorama em que se apresenta o jornalismo moderno, diversificado em suas múltiplas faces. O livro-reportagem cumpre um relevante papel, preenchendo vazios deixados pelo jornal, pela revista, pelas emissoras de rádio, pelos noticiários da televisão. Mais do que isso, avança para o aprofundamento do conhecimento do nosso tempo, eliminando, parcialmente que seja, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais cotidianos da informação jornalística (LIMA, 1995, p.16).

No Brasil, a experiência aconteceu com a revista *O Cruzeiro*, de 1928, que começou sem muito prestígio e com baixa tiragem, mas em 1940 deu um salto em estima e circulação, após investir na reportagem como produto principal. Com a abertura da revista *Realidade*, da editora Abril, em 1960, o país experimentou a fase da reportagem-conto, reunindo leveza e profundidade no tratamento dos assuntos. Nesse momento, foi praticada também a reportagem participativa, em que o jornalista narrava uma situação real a qual viveu, e as reportagens em série, comuns ao mercado jornalístico americano (BELO, 2006). A partir disso foi possível aos jornalistas e escritores a publicação de reportagens em livros.

Desse caldo de cultura brotaram as condições para a consolidação do texto na reportagem à brasileira - também mais descritiva e menos interpretativa -, fator que levou, finalmente, ao embrião do livro-reportagem no país. O período de maior destaque para a publicação jornalística em livro começou na década de 1980. O primeiro exemplar do gênero digno do nome é, claro, bem anterior a isso. *Os sertões*, de Euclides da Cunha, foi esculpido em 1987 como série de relatos para *O Estado de S. Paulo* (BELO, 2006, p.30).

Euclides da Cunha foi enviado especial à zona de conflito da Guerra de Canudos que ocorreu durante os anos de 1986 e 1987. Dessa experiência, o escritor escreveu densos relatos com riqueza e elaboração sobre a terra, as habitantes, as desventuras de Antônio Conselheiro e tornou possível uma nova ideia no imaginário popular do que estava acontecendo no agreste baiano, além do que os leitores estavam acostumados a ler sobre o conflito. Em 1902, uma coletânea dos principais relatos virou a primeira edição do livro (BELO, 2006).

O escritor Paulo Barreto também soube combinar literatura e jornalismo. Na primeira década do século 20, João do Rio, pseudônimo usado pelo autor, fazia um retrato da vida e dos costumes cariocas nas páginas dos jornais. Tanto ele quanto Euclides da Cunha são exemplos que ilustram a interação entre literatura e jornalismo sempre presente no Brasil.

O século 20 trouxe consigo, além de guerras, um jornalismo mais objetivo e enxuto. Justamente devido aos conflitos que marcaram o século, os noticiários passaram a seguir os padrões norte-americanos, sendo diretos, urgentes, objetivos, seguindo o *lead* e a pirâmide invertida. Tais regras, que caracterizam o jornal brasileiro até hoje, afastaram o Brasil do modo de escrever “com um pé” na da literatura.

O jornalismo brasileiro passou a seguir a partir de então o padrão americano, deixando de lado o modo europeu que produz jornalismo. A fome capitalista das empresas jornalísticas para se cobrir o maior número de assuntos e alcançar diversos públicos, além do grande espaço reservado para a publicidade, que financia as empresas, torna a capacidade física do jornal

inexistência para conteúdos com profundidade. Daí a necessidade de uma acomodação para o aprofundamento de temas mais relevantes.

Sem espaço para assuntos importantes que merecem profundidade e detalhamento nos veículos tradicionais, os profissionais encontram nos livros a quantidade de linhas suficientes para contar suas histórias reais e profundas sem interferências de lead, pirâmide invertida, publicidade, periodicidade e objetividade. Há espaço suficiente e público interessado.

Em síntese, é para isso que serve o livro-reportagem: para estender o papel do jornalismo contemporâneo, fazendo avançar as baterias de explicações para além do terreno onde estaciona a grande reportagem na imprensa convencional. Mais, ainda, o livro-reportagem transcende as concepções norteadoras do jornalismo atual. Tem potencial para assumir posturas experimentais. Tem pique suficiente, se trabalhado de forma adequada, para fazer nascer a vanguarda de um jornalismo realmente afinado com as tendências mais avançadas do conhecimento humano contemporâneo. Em outras palavras, o livro-reportagem poderá ser a ponta-de-lança para o desenvolvimento de um jornalismo holístico, que busca uma abordagem contextual e dinâmica da realidade. (LIMA, 1998, p.16)

Edvaldo Pereira Lima (1998) destaca quatro passos para a produção do livro-reportagem: pauta, captação, redação e edição. No item captação, onde o repórter irá apurar os fatos que serão relatados na reportagem, o autor conta que o livro-reportagem, como é livre das amarras das redações, “tem procurado se reciclar com métodos mais eficazes de captação, como as histórias de vida e a observação participante, nas suas diversas variantes, recursos próprios da ciências sociais” (LIMA, 1998, p.38). Segundo ele, esses métodos adotado das ciências sociais possibilitam um relato com o mínimo vício e interferência de quem escreve, uma vez que procura respeitar a cultura das personagens. “Felizmente, profissionais de imprensa mais sensíveis acabam utilizando em livros-reportagens alguns desses recursos, seja por pura intuição ou porque conhecem sistematicamente os métodos antropológicos” (LIMA, 1998, p.39).

4 ETNOGRAFIA

Na presente pesquisa, que propõe identificação da suposta aproximação entre a etnografia e jornalismo na apuração das reportagens sociais, é necessário o conhecimento a respeito de estudos iniciais da antropologia. Para tanto, realiza-se uma busca bibliográfica em torno da etnografia a fim de demonstrar a possibilidade defendida aqui.

A etnografia é uma técnica já utilizada, mas que ainda pouco discutida e estudada como um método possível pelos estudantes de jornalismo. Para embasar a pesquisa, é necessário esclarecer o que é e para que serve a etnografia dentro do campo antropológico, para então perceber sua possível utilização pelo jornalismo. É ainda necessário revisar o que já foi escrito a respeito da ligação entre as duas vertentes e os materiais jornalísticos produzidos por meio desta técnica.

A etnografia é a inserção em campo. Trata-se da introdução do antropólogo no meio em que pretende estudar, do contato do pesquisador com aqueles que busca conhecer e explicar por meio de ensaios etnográficos. Refere-se, portanto, à coleta de dados por meio do contato e da interação do antropólogo com o sujeito analisado. É uma técnica surgida nas ciências sociais, mais especificamente na Antropologia, e explorada principalmente por Bronislaw Malinowski. Em *Argonautas do Pacífico Ocidental* (1976) o autor relata a importância da aproximação do etnógrafo à população estudada e as três etapas desse método antropológico. Para Malinowski (1976), é imprescindível que o etnógrafo mantenha contato direto e constante com aqueles que estuda. A etnografia requer relacionamento próximo e reto com os sujeitos e o ambiente. “É enorme a diferença entre o relacionar-se esporadicamente com os nativos e estar efetivamente em contato com eles”. (MALINOWSKI, 1976, p. 21)

Na Etnografia, o autor é, simultaneamente, o seu próprio cronista e historiador; e embora as suas fontes sejam, sem dúvida, facilmente acessíveis, elas são também altamente dúbias e complexas; não estão materializadas em documentos fixos e concretos, mas sim no comportamento e na memória dos homens vivos. Na Etnografia, a distância entre o material informativo bruto - tal como se apresenta ao

investigador nas suas observações, nas declarações dos nativos, no caleidoscópio da vida tribal - e a apresentação final confirmada dos resultados é, freqüentemente, enorme. (MALINOWSKI, 1976, p.19)

Roberto Cardoso de Oliveira defende que o trabalho do etnógrafo é dividido em três etapas: olhar, ouvir e escrever. Embora pareçam simples e intuitivas, as etapas merecem ser discutidas devido aos problemas relacionados à interpretação, os quais são passíveis de ocorrer. Em *O trabalho do antropólogo*, Oliveira (2006) demonstra como essas três etapas do trabalho do pesquisador de campo podem ser problematizadas dentro das ciências sociais e indica que o olhar e o ouvir “disciplinados” contribuem para a percepção, enquanto o escrever produz um discurso próprio das ciências sociais voltadas para a construção de uma teoria social. (OLIVEIRA, 2006, p.3)

Segundo ele, a realidade sofre uma refração já na primeira etapa: o olhar. A partir do momento em que o pesquisador de campo identifica o objeto que pretende estudar, seu olhar volta-se para aquele sujeito a fim de captar informação, mas a imagem recebida sofre uma refração como uma luz sofre ao passar por um prisma. Para o autor, o antropólogo vai para campo com um olhar afetado pela teoria social a qual estudou durante sua formação e o olhar é, já, afetado pela sua própria teoria daquilo que vê. “Isso porque, a partir do momento em que nos sentimos preparados para a investigação empírica, o objeto, sobre o qual dirigimos nosso olhar, já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo” (OLIVEIRA, 2006, p. 19).

O ouvir é a segunda etapa e assume a função de complementar o olhar na busca das informações em campo. O autor compara as duas etapas a muletas que auxiliam na investigação, mas, segundo ele, é necessário eliminar todos os ruídos que lhe pareçam insignificantes, ou seja, que não façam sentido à pesquisa. O problema dessa etapa está relacionado à relação de pergunta e resposta entre o etnógrafo e o entrevistado durante a entrevista, pois surge uma relação de poder exercida pelo entrevistador, ainda que pretenda ser neutro. Isso cria um campo ilusório de interação. “A relação não é dialógica” (OLIVEIRA, 2006, p.23). Para reparar o problema, o autor sugere a interação real entre

etnógrafo e nativo (entrevistador e entrevistado), isto é, que o nativo fale e ouça, assim como o entrevistador ouça e fale. A essa interação dá-se o nome de “observação participante”.

É na terceira etapa que o trabalho do antropólogo torna-se crítico e complexo, pois nela assume o trabalho de comunicar. Ao escrever, o pesquisador abandona as duas etapas que são essencialmente calcadas na experiência diante do outro e passa a assumir o controle usando a linguagem como ponte para o conhecimento. As duas etapas iniciais do trabalho do antropólogo assumem a experiência do pesquisador perante o outro, enquanto a última, mais crítica e complexa, requer seu próprio punho ao descrever por meio da sua linguagem e narrativa aquilo que presenciou. É a fase em que descreve a própria experiência tida ao olhar e ouvir.

Oliveira (2006) demonstra a problematização da etapa de escrever quando se reconhece que essa fase é feita no que Clifford Geertz (2002) chama de *being here*², isto é, a fase de escrita é feita fora do ambiente onde se viu e ouviu e dentro do ambiente confortável do dia a dia do pesquisador, seja na biblioteca universitária, escritório ou sala de aula. Essa é a contrariedade da etapa final da pesquisa de campo, pois a linguagem transmitida pelo pesquisador será infectada pelo seu próprio mundo, como se fatores externos que acontecem ao seu redor enquanto escreve invadissem seu texto e modificassem a interpretação da retórica.

Ao analisar obras de antropólogos como Lévi-Strauss, Bronislaw Malinowski, Edward Sapir e Ruth Benedict, Geertz (2002) investiga o motivo do bom convencimento da narrativa antropológica. Segundo o autor, a capacidade

2

O termo foi disposto por Clifford Geertz em *Obras e Vidas: o antropólogo como autor* (1926). Para Geertz, as fases do olhar e do ouvir conferem o que chamou como *being there* (estando lá), isto é, presente no ambiente do outro, em contato com o outro. A fase de escrever, em contraposição, refere-se ao *being here* (estando aqui), ou seja, quando o antropólogo volta-se para si mesmo e descreve o que viu e ouviu em sua zona de conforto e em ambiente fora do analisado.

de se fazer confiante não vem da produção de textos extensos e exposição de dados factuais. Para ele, a capacidade de convencimento dos antropólogos se deve ao “estar lá”.

A capacidade dos antropólogos de nos fazer levar a sério o que dizem tem menos a ver com uma aparência factual, ou com um ar de elegância conceitual, do que com sua capacidade de nos convencer de que o que eles dizem resulta de haverem realmente penetrado numa outra forma de vida (ou, se você preferir, de terem sido penetrados por ela) - de realmente haverem, de um modo ou de outro, “estado lá” (Clifford Geertz, 2002 p. 15).

4.1 ETNOGRAFIA E JORNALISMO: POSSÍVEL RELAÇÃO

O trabalho do etnógrafo não se diferencia em muito do labor jornalístico: tem de esclarecer às pessoas aquilo que não está claro, apresentar aqueles que não são conhecidos e mostrar aquilo que ainda é desconhecido a algum público. O etnógrafo faz o trabalho de mediador entre um povo e outro, assim como o jornalista é mediador entre a informação e o público. O trabalho do antropólogo diferencia-se do labor jornalístico quando se fala em finalidade, o “para quê”. O antropólogo sai a campo tencionando conhecer, pesquisar e expor as culturas desconhecidas, peculiaridades de um grupo étnico, social e culturalmente inexplorado. O jornalista se propõe a demonstrar o erro, o desfavorável, o oprimido, o grupo étnico, social ou culturalmente desconhecido que sofre por algum motivo, por esquecimento dos poderes públicos, por desvalorização, esquecimento ou desajustamento social. Explora o assunto, os porquês, os quens, os reflexos daquilo e dá voz aos invisíveis.

Contudo, apesar das diferentes intenções, a semelhança entre os meios para se chegar aos fins são inegavelmente semelhantes. Raul Hernando Osorio Vargas (1998) percebeu a proximidade entre o trabalho de campo do antropólogo e do jornalista. Ao analisar reportagens literárias, Vargas mostra que a apuração requer a saída a campo, observação e interação com as personagens a serem narradas, condição próxima ou semelhante à etnografia feita pelo pesquisador da antropologia.

O uso do método das ciências sociais pelo jornalismo já é defendido desde muito antes, como visto em Lima (1998). Em *A reportagem como experiência etnográfica*, Liráucio Girardi Jr. (2000), defende que a produção da reportagem pode ser uma experiência etnográfica e que o jornalismo pode fazer uso de técnicas não apenas da literatura, mas também da antropologia.

Procedimentos como a observação direta e o exercício da capacidade de descrição de comportamentos e a reconstrução de acontecimentos, cotidianos ou especiais, que são elementares de um certo modo tanto à literatura como à etnografia, podem ser associados a outros instrumentos de investigação, tais como os diversos tipos de entrevista (GIRARDI, 2000, p. 1)

Contudo, Girardi (2000) defende que, embora o jornalismo seja privilegiado pela possibilidade de utilizar a prática da Antropologia, o que se faz é utilizar a representação do que é a Etnografia, o estereótipo.

Dentro do jornalismo, a reportagem é o campo privilegiado no qual uma espécie de prática etnográfica pode ser experimentada, embora venha a se parecer mais com uma “caricatura” da etnografia, na qual falta uma preocupação com a “totalidade”, com a inserção do acontecimento cotidiano na totalidade das práticas vividas no bairro ou na cidade. O termo caricatura, utilizado aqui, não tem uma conotação pejorativa como pode dar a entender o senso comum, mas é indicada como uma forma de representação (GIRARDI, 2000, p. 7).

O repórter Paulo Barreto - ou João do Rio - foi um dos pioneiros na utilização do método de observação direta (GIRARDI, 2000), apesar de não ter ciência que utilizava métodos antropológicos para apurar e alcançar narrativas.

Observação direta e palpitante. Repórter que vai à rua e constrói sobre o momento a história dos fatos presentes. Da união destes dois conceitos nasce a definição moderna do jornalismo. E João do Rio, se não é original na história da imprensa, pelo menos no Brasil inicia esse processo (...) ‘Religiões do Rio’, ‘Alma Encantadora das Ruas’, ‘Vida vertiginosa’, ‘Cinematógrafo’, ‘Os dias passam’, livros que reúnem as reportagens de Paulo Barreto, oferecem no meio de certos artificialismos estilísticos e imperfeições técnicas, aquilo que caracteriza o jornal moderno - informações. Os tipos sociais observados representam a tendência de humanização tão explorada pela reportagem atual; a descrição de costumes e de situações sociais inaugura a reportagem de contexto, de passagem, alguns traços retrospectivos do fato narrado levariam, mais tarde, à reportagem de reconstituição histórica (pesquisa, na gíria jornalística) (MEDINA, 1988, p.58-59).

Na prática do jornalismo, estar próximo à subjetividade do outro oculta - ou torna menos influente - a subjetividade do próprio autor da história a ser narrada. Medina (2007) justifica que existe um erro comum quando se analisa a aproximação do jornalismo à prática literária. Quando se dá demasiada ênfase ao estilo e não à "prática relacional (signo de relação)", a narração e as possíveis interpretações daquela escrita podem distorcer a dialogia social.

Se o repórter, por decisão técnica ou atrofia afetiva, descartar a viagem à subjetividade do outro, resolverá de forma tosca a trama da história de vida. Na maior parte das vezes, apelando para a frieza linguística da entrevista pergunta-resposta (MEDINA, 2007, p.24).

As três etapas do trabalho do etnógrafo - olhar, ouvir e escrever - esclarecidas em Oliveira (2006), podem ser absorvidas pelo jornalista durante o processo de captação sugerido por Edvaldo Pereira Lima (1998). Assim como na Etnografia deve-se seguir as fases de "olhar, ouvir e escrever" para alcançar o objetivo maior da observação participante, também o jornalista deve seguir essas fases. Primeiro, o olhar neutro voltado ao personagem, ao ambiente, aos trejeitos, às rugas, aos machucados e às cicatrizes. Depois o ouvir: os risos, os lamentos, as histórias, as denúncias, as crenças. Por fim, escrever, tentando desfazer-se da própria subjetividade e narrar o subjetivo visto e ouvido no outro. As duas primeiras fases fazem parte da experiência do jornalista. A última refere-se ao momento em que a experiência é narrada. Até mesmo as problemáticas da etnografia vistas em Oliveira (2006) são semelhantes às questões que cercam o jornalismo.

5 NARRATIVA E PERSONAGENS

Para tornar compreensível a análise dos livros-reportagens de Eliane Brum e Daniela Arbex, é importante esclarecer o valor da personagem na narrativa jornalística. Segundo Syd Field (1982), a personagem é a base do roteiro. "É o coração, alma e sistema nervoso" de uma história. "Antes de colocar uma palavra no papel, você tem que conhecer seu personagem" (1982, p.18). As palavras do roteirista fazem sentido também para jornalismo. A narrativa jornalística é carregada pela pessoa de quem se fala. Conhecer aquele que está sendo retratado é essencial para a escrita do material. Tomado o conhecimento do personagem, o jornalista sabe de quem se trata e conta para os que não conhecem aquele alguém. Estes passam a conhecer preferencialmente da maneira que o jornalista percebeu.

5.1 A NARRATIVA

Para compreender a personagem, se faz importante compreender o que é a narrativa. Segundo Motta (2010), a narrativa é incubida de produzir os conhecimentos objetivos e subjetivos do mundo por meio dos relatos. Dessa maneira, podemos compreender passado, presente e futuro. A narratividade está intimamente ligada à necessidade humana de conhecimento do mundo e da realidade (BULHÔES, 2007). As narrativas e as personagens expostas ao leitor na literatura e no jornalismo, por exemplo, diferem-se na medida em que na primeira o conhecimento de mundo e a vivência são formados por meio de alegorias e imaginação, enquanto no segundo a realidade não-ficcional é premissa e condição.

Motta (2010) divide as narrativas produzidas na mídia em dois conjuntos: narrativas fáticas e narrativas fictícias. As primeiras referem-se aos produtos usados para causar sensação de realidade, efeito de real, buscam a objetividade. São elas: notícias, reportagens, documentários, transmissões ao vivo, entrevistas, entre outras. As fictícias, por outro lado, são utilizadas para causar efeitos subjetivos, emocionais. São as telenovelas, os filmes, as histórias em quadrinhos, os seriados.

Jornalistas, produtores e diretores de TV e cinema, roteiristas e publicitários sabem que os homens e mulheres vivem narrativamente o seu mundo, constroem temporalmente suas experiências. Por isso, exploram com astúcia e profissionalismo o discurso narrativo para causar efeitos de sentido (MOTTA, 2010, p.2).

Motta (2005) sustenta que muitas análises da narrativa jornalística podem ser concentradas na “observação das personagens, na sua construção ou caracterização, no seu dinamismo funcional, no seu discurso” (2005, p. 94). Sendo assim, a presença da personagem, seja na produção ficcional da literatura, seja na factual do jornalismo, é imprescindível e carrega a narrativa a ser apreendida pelo leitor receptor. Contudo, ainda que excepcional e, no caso do jornalismo, fatídica, a personagem não pode ser entendida como pessoa. Há uma ampla diferença entre personagem e pessoa. Brait (2006) afirma que a personagem não existe além das palavras, sendo elas responsáveis pela representação da pessoa enquanto ser vivo e real. Ainda segundo Brait (2006), na narrativa são perceptíveis as estratégias empregadas pelo autor para formar e caracterizar a personagem numa construção literária ou inspirada em um ser real.

Quando falamos de personagem não estamos nos referindo somente ao personagem de ficção, figuras ideais criadas pelos autores. Podemos nos referir a pessoas reais [...] mesmo quando esta personagem tenha um correspondente na vida real, um ser humano de carne e osso, na narrativa ela assume as funções de personagem (MOTTA, 2005, p. 73).

Desse modo, no jornalismo literário, busca-se explorar as possibilidades da narrativa por meio da condução da personagem, primordial na narrativa. Independente da condição de fictícia ou factual, é a personagem quem dirige o caminho da narrativa, a qual é responsável pela condução do conhecimento e interpretação do receptor da mensagem.

5.2 A PERSONAGEM

Como visto anteriormente, a condução da narrativa é consequência da personagem. Portanto, a construção da personagem é peça importante para o trabalho jornalístico e se faz necessário conhecê-la. Para expor a personagem ao leitor e para que este se sensibilize e compreenda a narrativa, há recursos possíveis para a composição e apresentação do protagonista da história a ser

contada. Mas não apenas a personagem tem suas regras. O narrador também tem seu lugar nos métodos utilizados para apresentar a narrativa. Entre os principais recursos mencionados por Wolfe (2005) estão a mudança do ponto de vista, os diálogos, a descrição cena a cena e o chamado *status de vida*.

Wolfe (2005) pontua recursos para a produção do fato em estudo. Entre os principais mencionados pelo autor, estão a mudança do ponto de vista, os diálogos, a descrição de cada cena e a descrição. Sobre a mudança do ponto de vista, o autor defende que cada cena seja apresentada pelo ponto de vista de uma personagem particular, de maneira que o leitor experimente a realidade emocional da cena como cada personagem experimenta. No “Novo Jornalismo” (conforme explicitado no capítulo 2), essas variações são permitidas e desejáveis, enquanto no jornal diário, segundo Moura (2007), não é recomendado variar o ponto de vista, centrado na terceira pessoa do singular, marcando um suposto distanciamento do repórter.

[...] a condução da narrativa por um narrador em primeira pessoa implica, necessariamente, a sua condição de personagem envolvida com os “acontecimentos” que estão sendo narrados. Por esse processo, os recursos selecionados pelo escritor para descrever, definir, construir os seres fictícios que dão a impressão de vida chegam diretamente ao leitor através de uma personagem (BRAIT, 1985, p. 60).

O uso de diálogos, segundo ponto defendido por Wolfe (2005), busca envolver o leitor e, segundo o autor, definir a personagem com mais eficácia que outros recursos. Para Moura (2007), os diálogos são usados a fim de atribuir mais energia à narrativa. O recurso é entendido também como uma maneira de estabelecer a história com mais de uma pessoa, uma vez que um diálogo requer mais uma personagem, a qual pode dizer ainda mais sobre o protagonista ou compor o tecido textual.

A apresentação de cada cena diz respeito à fuga da narrativa histórica. Ou seja, é interessante que o jornalista narre os acontecimentos cena por cena, fugindo do texto corrido e historicamente descrito, pois, para Wolfe, a essência do texto não são os dados. Os diálogos são capazes de estabelecer o personagem mais rapidamente.

Os escritores de revista, assim como os primeiros romancistas, aprenderam por tentativa e erro algo que desde então tem sido demonstrado em estudos acadêmicos: especificamente, que o diálogo realista envolve o leitor mais completamente do que qualquer outro recurso. Ele também estabelece e define o personagem mais depressa e com mais eficiência do que qualquer outro recurso (WOLFE, 2005, p. 54).

Outra estratégia é a descrição que torna possível transmitir ao leitor o “status de vida” (2005, p.55) de pessoas e ambientes descritos. O detalhamento do local, dos gestos, detalhes, de gestos, manias, maneiras de falar e olhar permite transmitir informações veladas que não estariam claras com uma descrição batida. “O registro desses detalhes não é mero bordado em prosa. Ele se coloca junto ao centro de poder do realismo, assim como qualquer outro recurso da literatura” (WOLFE, 2005, p.55).

Estes são artifícios sugeridos por Wolfe para angariar a atenção do leitor e promover melhor descrição das personagens narradas. Santos (2013) afirma que a personagem é o vínculo entre a ficção e a realidade. Enquanto a personagem fictícia da literatura não é uma reprodução do real, no jornalismo procura-se a mais estrita honestidade com o real. Na ficção, porém, a construção é fundamentada na realidade, enquanto no jornalismo procura-se a mais estrita honestidade com o real. Segundo a autora, a personagem é responsável pela aproximação da narrativa com o leitor pois causa identificação e humaniza a narrativa proposta. Portanto, no jornalismo literário é comum a identificação dos leitores com personagens humanizados, uma vez que estes são baseados no real e foram expostos por meio de recursos que o humanizam. O conhecimento desses elementos foi importante para a formulação do método, exposto no item a seguir.

6 MÉTODO

Clifford Geertz (1989) caracteriza a etnografia como uma "descrição densa" que parte em busca de respostas sobre a cultura de uma coletividade.

O que o etnógrafo enfrenta de fato [...] é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar (GEERTZ, 1989, p.20).

Bronislaw Malinowski, uma das mais importantes referências em etnografia, argumenta:

Na etnografia, o autor é, ao mesmo tempo, o seu próprio cronista e historiador; suas fontes de informação são, indubitavelmente, bastante acessíveis, mas também extremamente enganosas e complexas; não estão incorporadas a documentos materiais fixos, mas sim ao comportamento e memória de seres humanos. Na etnografia, é frequentemente imensa a distância entre a apresentação final dos resultados da pesquisa e o material bruto das informações coletadas pelo pesquisador através de suas próprias observações, das asserções dos nativos, do caleidoscópio da vida tribal (MALINOWSKI, 1922, p.19).

A etnografia, segundo os autores citados acima, é uma descrição densa e nela as fontes de informação não estão incorporadas a documentos materiais fixos, mas sim ao comportamento e a memória. A pesquisa pretende estabelecer, portanto, a semelhança entre o trabalho etnográfico e do jornalismo em profundidade demonstrando a conexão entre ambas as práticas que fazem uso de meios semelhantes, como os descritos acima.

Para constituir a conexão entre etnografia e jornalismo, a pesquisa analisa conteúdos de livros-reportagens que tornaram problemas sociais e cenários como os protagonistas das histórias para estabelecer aproximações da etnografia à prática do jornalismo em profundidade. Para tanto, é feita uma análise observativa e comparativa ligada à narratologia dos livros *O Olho da Rua*, de Eliane Brum, e *Holocausto Brasileiro*, de Daniela Arbex, por intermédio de pesquisa documental. Por meio da análise da narratologia praticada pelas autoras é possível perceber e refletir acerca dos padrões, das constâncias e das

divergências entre a “descrição densa” das duas jornalistas premiadas e entre as reportagens em profundidade e a etnografia.

Para isso, foram estabelecidos três momentos em cada um dos livros em que se destacam circunstâncias e contextos das narrativas para identificar onde reside a descrição densa prevista tanto no jornalismo como na etnografia, com as suas devidas peculiaridades.

O Olho da Rua, de Eliane Brum, foi publicado em 2008, pela Editora Globo. Traz uma série de reportagens sobre temas sociais diversos do Brasil. *Holocausto Brasileiro*, de Daniela Arbex, mostra o genocídio de mais de 60 mil mortos no maior hospício do Brasil, localizado em Barbacena, Minas Gerais. O livro-reportagem foi publicado em 2013, pela Geração Editorial. A par de os objetos ser extenso (duas obras literárias), para esse efeito que pretendemos, foram selecionados dois capítulos passíveis de identificação, reflexão e discussão em cada uma das obras. São os seguintes momentos:

Do livro *O olho da rua*, de Eliane Brum:

- 1) Capítulo *A Casa de Velhos* – descrição do cenário da Instituição de acolhimento a pessoas idosas Casa São Luiz para Velhice, no Rio de Janeiro.
- 2) Capítulo *Um país chamado Brasilândia* – narração sobre a vila Brasilândia, na zona norte de São Paulo, onde residem 250 mil habitantes.

Do livro *Holocausto Brasileiro*, de Daniela Arbex:

- 1) Capítulo *O pavilhão Afonso Pena* – descrição do ambiente externo e interno do pavilhão Afonso Pena, um dos sete pavilhões que compunha o Colônia, hospício de Barbacena, em Minas Gerais.
- 2) Capítulo *Na roda da loucura* – narração do ambiente interno do Colônia quando os pacientes chegavam de trem ao hospício.

Em cada um dos trechos selecionados para a análise, foram observados os seguintes elementos:

- a) Como se dá a densidade da descrição feita pelas autoras e quais informações garantem a amplitude da abordagem.
- b) Quais são as fontes utilizadas pela autora para garantir a descrição das circunstâncias e dos contextos, uma vez que as fontes são o subsídio para o material jornalístico;
- c) Como se dá a participação do “eu-narradora” para definir a densidade observada;
- d) Quais são os aspectos do jornalismo-literário encontrados nos textos e possibilidades de olhares das lacunas;
- e) Quais são as aproximações que se pode estabelecer nos trechos selecionados com as técnicas da etnografia.

Após a observação de cada um dos trechos, são estabelecidas algumas problemáticas de comparação, as quais são divididas da seguinte forma:

- a) Semelhanças entre os trechos de *O Olho da Rua*, a fim de encontrar recorrências textuais nos trechos das autoras;
- b) Semelhanças entre os trechos de *Holocausto Brasileiro*, a fim de encontrar recorrências textuais nos trechos das autoras;
- c) Possibilidade de encontrar pontos em comum entre as autoras, o que pode apontar pistas sobre influências de duas autoras premiadas no jornalismo literário brasileiro.

Os itens “a” e “b” são respondidos por meio de tabelas onde estarão trechos destacados dos capítulos analisado de cada livro, enquanto o item “c” é respondido textualmente.

7 ANÁLISE

7.1 O OLHO DA RUA: UMA JORNALISTA EM BUSCA DA LITERATURA DA VIDA REAL

1) Capítulo *A Casa de Velhos*

A *Casa de Velhos* é uma das reportagens que compõem o livro-reportagem *O Olho da Rua*. Nela, Eliane Brum narra a vida de personagens idosos que residem na Casa São Luiz para Velhice, no Rio de Janeiro, e descreve o ambiente com minuciosos detalhes sobre o cenário, o presente, o cotidiano, as memórias e desejos daqueles com quem conviveu durante a semana em que esteve hospedada na Casa para a produção do material.

a) **Densidade da descrição feita pela autora e informações que garantem amplitude da abordagem**

Eliane Brum usa adjetivos, figuras de linguagem e técnicas linguísticas para descrever o ambiente ao mesmo tempo em que desenha as personagens. Transmite ao leitor sensações e sentimentos de maneira implícita no texto, que podem ser percebidas em uma leitura mais atenta aos elementos constituintes. A densidade da descrição feita por Brum é possível devido à riqueza de detalhes e minúcias sobre os sentimentos, memórias e a relação passado-presente das personagens. Além disso, a descrição do cenário é minuciosa (como quando a repórter descreve a entrada da Casa que tem portão de ferro e um caminho de árvores), o que insere o leitor naquele ambiente, o faz vivenciar aquilo junto aos personagens e à repórter, transmite realidade ao lúdico e imaginário enquanto ele absorve o texto.

b) **Fontes utilizadas pela autora para garantir descrição das circunstâncias e dos contextos**

A explicação da metodologia da apuração por parte da autora (essencial para observação dos trechos e aproximações com a etnografia) pormenoriza informações. Ao final do capítulo dessa reportagem (*A Casa de Velhos*), Eliane

Brum conta como se deu o processo. Ela explica que morou durante uma semana na Casa São Luiz para Velhice, no Rio de Janeiro. Após visitar outras casas em busca de uma que lhe chamasse a atenção, essa lhe interessou pelo fato de acolher “tanto ricos como pobres”, conforme explica na sessão que comenta com se deu a apuração. Percebeu que esse era um local que imprimia a “realidade brasileira”: a divisão de classes e suas consequências num país que acolhe todos. Morando na Casa, conviveu com pessoas que podiam pagar pela suíte particular e pessoas que viviam nos dormitórios coletivos. Teve contato com quase trinta histórias e principalmente com as memórias daqueles que “não têm mais lugar no mundo lá fora”, como coloca.

Melhor que a maioria, a instituição é **limpa, decente e cheia de mimos**. Igual a todas, é o último endereço, abrigo inventado para esconder os que não têm lugar no mundo, encurralados entre o avanço da medicina que permitiu que chegassem até ali e uma sociedade que só dá valor à juventude (p.86).

Sandra Carvalho, Fermelinda Campos, Rosa Bela, Guilherme Coelho, Noêmia Atela, Maria Prado, Rosa Pimentel, Vicente Amorim, Adyr Galvão Bueno e Gabriela Svozil são os principais moradores que compartilharam memórias e histórias com Brum. Por intermédio do convívio e da observação deles e de outros que residem na Casa, foi possível para a jornalista a descrição densa das personagens que compõem aquele lugar.

A descrição do cenário é complementada pelo contato com as memórias de Regina Bittencourt, herdeira da instituição que abriu a história da Casa para a repórter. A utilização de metáforas aponta para uma descrição típica do literário, com frases de arranques e conteúdo opinativo em “a Casa respira, transpira, parece que se mexe”.

Povoada por mais de 20 mil anos de vida, somado tudo, a Casa respira, transpira, parece que se mexe. Desde a fundação, a administração foi passando de herdeiro a herdeiro por cláusula testamentária até chegar à embaixatriz Regina Bittencourt, uma grande dama de quase 80 anos, do tipo amamentado em francês e desmamado em incursões pelo mundo. Dona Regina é herdeira de duas instituições em extinção: a aristocracia e a caridade. Modernizou a Casa abrindo as portas para os pagantes, já que as doações foram se extinguindo junto com as grandes fortunas. Seguiu com a tradição familiar, a filha e um neto já destinados a garantir a continuidade. (p.99)

Essas são as fontes, subsídios para a apuração rica e detalhada. Não são oficiais (os definidores primários) nem especializadas, são as memórias dessas pessoas que habitam aqueles cenários, pessoas comuns, idosos. E o que fundamenta a humanização e densidade dessa reportagem são as personagens e o local munidos de passado e presente.

c) O “eu-narradora”

Eliane Brum narra a história da Casa e dos residentes com base na convivência com as fontes, a qual tornou possível a descrição densa. Contudo, há trechos em que são notáveis as próprias percepções da narradora. Essas passagens também são partes fundamentais para a formação da descrição densa analisada. Em *A Casa de Velhos*, Brum inicia o texto descrevendo a entrada da instituição (um respeito a um caminho cronológico de observação). A maneira como a Casa é descrita presume um distanciamento e estranhamento inicial, algo que não é próprio de quem está ali, onde os artefatos que compõem o cenário são estranhos assim que o paciente chega à Casa.

De repente eles chegaram lá, diante do portão de ferro da casa de velhos (...) Descobriram na soleira que um passo vale por um abismo. Foram deixados ali porque outros decidiram que o tempo deles acabou. Lançados numa casa que não é a sua, entre móveis estranhos, faces que não reconhecem, lembranças que não se encaixam. (p.85)

A escolha da repórter de transmitir essas sensações ao leitor ao demonstrar o que os pacientes sentem quando chegam à “soleira da Casa” foi importante para a percepção de quem lê. A narração desse momento de estranhamento, somado à descoberta e ao apego à Casa que se torna evidente ao decorrer da reportagem, demonstra ao leitor o mesmo que ele sentiria e que os idosos residentes sentem.

Sempre levando o leitor ao imaginário, Brum veste-se da pele daqueles idosos que um dia também chegaram à frente do portão de ferro e viram-se no fim de suas vidas num lugar que não é o seu.

d) Aspectos do jornalismo-literário

É perceptível no texto o uso de construções narrativas incomuns no jornalismo diário. No jornalismo-literário, a proximidade com o imaginativo inerente da literatura torna viável que a apresentação seja diferente. As utilizações de adjetivos e de figuras de linguagem, também características da literatura, são realizadas de forma recorrentes como marca narrativa.

Também a Casa é uma anciã, com 111 anos de existência desenrolados no bairro carioca do Caju, o mesmo do cemitério, destino final de todos que estão ali (...) O Visconde Ferreira D'Almeida, fundador de fé **fervorosa**, segue cada passo do caminho de árvores rumo **ao coração** do lugar. Seu **olhar de bronze** é onipresente na vigília dos 257 velhos que compartilham uma **cidadela** dividida em seis torres batizadas com nomes de santos ou de famílias quatrocentonas do Rio de Janeiro que no passado fizeram **polpudas** doações para garantir **uma vaga no céu** (pg.86, **com grifos nossos**).

Em apenas um parágrafo, por meio de recursos linguísticos, como os adjetivos “fervorosa” e “polpudas”, além de metáforas como “coração do lugar” ou “olhar de bronze”, Brum descreve o passado e o presente daquele lugar elevando o entendimento de que é arborizado, bonito e acolhedor, além de ter sido abastado por doações de pessoas ricas no passado.

e) **Aproximações dos trechos selecionados com técnicas da etnografia**

A etnografia, como vimos no capítulo 4, é apresentada por Clifford Geertz justamente como uma “descrição densa”. Além dele, Bronislaw Malinowski (1976) propõe que é imprescindível que o etnógrafo mantenha contato direto e constante com aqueles que estuda.

Na Etnografia, o autor é, simultaneamente, o seu próprio cronista e historiador; e embora as suas fontes sejam, sem dúvida, facilmente acessíveis, elas são também altamente dúbias e complexas; não estão materializadas em documentos fixos e concretos, mas sim no comportamento e na memória dos homens vivos. (MALINOWSKI, 1976, p.19)

Como já esclarecido anteriormente, para a composição da reportagem *A Casa de Velhos*, Eliane Brum conviveu durante uma semana com os idosos que lá residem. Ao final do capítulo, Brum revela:

Fui muito bem recebida, e a ideia de passar uma semana lá foi acolhida com entusiasmo. A revista pagou minha hospedagem como a

de qualquer inquilino. Eu tinha um apartamento individual na ala dos pagantes. E hoje penso que deveria ter passado algumas noites também no dormitório coletivo. Mas hoje sei mais do que ontem. Me internei. E logo fui tomada pelo peso daquelas paredes, me senti desligada do mundo lá fora (...) Foi assim no asilo. Logo eu esperava com ansiedade as refeições, como todos ali. E ansiava por todas as rotinas. (p.125)

Ao conviver com pacientes da Casa São Luiz para Velhice durante uma semana, Brum pôde observar comportamentos, o cotidiano dos pacientes, ouvir histórias, descortinar memórias e presenciar momentos que enriqueceram sua reportagem no que diz respeito à detalhes e pormenores da vida dentro da Casa. O que ela (repórter) faz não se diferencia do trabalho etnográfico que consiste em conviver com aqueles a que pretende estudar para que, por meio da observação-participante, seja possível o etnógrafo descrever densamente aquele povo observado.

Apenas “sentindo o que sentem”, participando da mesma rotina, comendo o que comem, estando diariamente nas mesmas situações em que estão, foi possível a repórter compreender e transmitir ao leitor quem são essas pessoas, o que fazem, o que sentem e como compõem o lugar. Somente a observação do local, dos detalhes, das “energias”, histórias e minúcias tornou viável ela compreender e conduzir a imaginação do leitor até lá. Sem a presença de Brum ali, por espaço de tempo mais curto, a reportagem poderia ser outra. A coleta de dados da apuração seria distante e a descrição densa não existiria com tanta sensibilidade e humanização inerentes na matéria.

É importante lembrarmos ainda da colocação de Roberto Cardoso de Oliveira, autor que defende que o trabalho do etnógrafo é dividido nas etapas: olhar, ouvir e escrever. Eliane Brum utiliza-se do exercício da etnografia com finalidades diferentes, mas com semelhanças no modo de fazer: olha, ouve e escreve. Buscar conviver diretamente com as personagens-fontes, entendê-las, observar como agem naquele ambiente que é delas é o trabalho etnográfico feito pela jornalista.

2) Capítulo *Um país chamado Brasilândia*

Um país chamado Brasilândia é uma reportagem sensível e divertida pois traz uma visão das personagens além das preocupações com a violência e com o tráfico que assola as periferias brasileiras. Conta como lá na Vila Brasilândia os cães são tratados como seres humanos e dedica parte da reportagem para narrar acontecimentos da vida dos cachorros como personagens humanos. Um exemplo é o do cachorro Piti. “Aos quatro anos, o que não é pouca idade para um cão, Piti quer muito, mas não consegue perder a virgindade” (p.296). Os vizinhos da dona de Piti preocupam-se com o problema de Piti. “Todo vivente que passa pelo portão grita lá debaixo para Tuca, a dona de Piti: Nada ainda? E sai sacudindo a cabeça” (p.297). Além dos dramas dos animais da Vila, Brum expõe ainda a parceria entre a vizinhança que se une para que o casamento de Adriana e Luizinho, moradores de lá.

Logo que a barriga de Adriana, de 21 anos, desempregada, arredondou-se por conto do namoro com Luizinho, de 24, a vizinhança se mobilizou. A moça era virgem, o noivo não fuma nem bebe. Não seria por falta de dinheiro que ficariam sem festa de casamento. Amasiamento a mãe da moça já havia avisado que nem pensar. Luizinho entraria no cartório com pé direito, nem que fosse com sapato emprestado. Ciente desse fato, Tuca logo sequestrou o “pisante de festa” do filho mais velho e despachou para a casa do noivo. Encarregou-se da feijoada do almoço, da “carne maluca” (desfiada, temperada e cozida) do lanche e do bolo de casamento. A melhor amiga de Adriana comprou os ingredientes da torta. Um tio ambulante trouxe cocadas, amendoim, paçoca e sorvetes. Outra vizinha deu meia dúzia de refrigerantes. A cunhada se encarregou do vestido de noiva. Um vizinho emprestou o carro chique, um Ford Mondeo azul-marinho ano 1996. (p.295)

Para a composição dessa reportagem, Eliane Brum mora na Vila Brasilândia, na zona norte de São Paulo, hospedada na casa de Dona Eugênia e de Tuca, personagens e fontes principais trazidas pelo texto. Nela, por meio da observação, Brum capta a essência dos moradores, convive com os dramas e alegrias expondo os lados que ninguém vê nas periferias: a delicadeza, a sutileza, a ternura, como a jornalista explica na sessão ao final do capítulo em que descreve como se deu a apuração e as motivações que a levaram a compor o material: “Esta reportagem mostra o que sempre esteve lá, encoberto pela violência. Porque esta é também a tragédia da favela: os cadáveres são

expostos, o que se oculta é a delicadeza” (p.286). A Brasilândia foi escolhida por ser usada como cenário de gravações de filmes e seriados da rede Globo. Após o lançamento do filme *Antônia*, em 2007, Eliane Brum foi conhecer o lugar que virou locação de filme.

Eu fui pautada para viver na Brasilândia exatamente porque a vila tinha se tornado pop. A TV Globo havia lançado, com bons índices de audiência, um seriado - *Antônia* - que se passava lá. E o filme de Tata Amara, que dera origem a série, estrearia em breve. Minha reportagem só contaria algo novo a partir de um olhar estrangeiro.

a) Densidade da descrição e informações que garantem a amplitude da abordagem

A densidade da descrição é dada pela repórter por meio da caracterização do ambiente mediante adjetivos como “arquitetura cinzenta” e “feia”, “suja” e “malvada” empregados para explicar aspectos do cenário no presente e no passado. Nessa reportagem, Eliane Brum se hospeda por alguns dias na casa de dona Eugênia, moradora da vila. Lá, em contato direto com os habitantes, percebe a maneira de agir, o jeito de falar e tratar o outro, os aspectos visuais do urbano de Brasilândia e os problemas e questões e rondam os vizinhos. Brum capta detalhes como a peculiaridade dos moradores da vila de tratar cães como gente. “Mas eu era uma recém-chegada e não havia compreendido uma questão crucial. Cachorros, lá, são humanos” (p.296).

A ideia é viver alguns dias nesse enclave de 250 mil habitantes na zona norte de São Paulo promovido a cenário de cinema. A vila era vista como feia, suja e malvada. Desde que virou locação de filme e de seriado da Globo, virou pop. (...) Essa reportagem mostra o que sempre esteve lá, encoberto pela violência. Porque esta é também a tragédia da favela: os cadáveres são expostos, o que se oculta é a delicadeza. Como as pipas que os meninos teimam em libertar do emaranhado de fios para lavá-las ao céu, a ternura é arrancada do concreto dia após dia para que a vida se torne possível (p.286).

Detalhes observados por meio do convívio com os moradores foram explicitados no texto e tornaram possível a densidade do material. Uma vez que a atenção da repórter era voltada para mostrar a delicadeza da Vila escondida pela violência, a descrição de detalhes como a preocupação dos vizinhos com o casamento do novo casal da Vila e o fato de tratarem os cães como humanos,

Brum cumpre com o que se comprometeu a fazer e leva ao leitor um olhar além do senso comum (violência e tráfico). Mostra o que há de delicado.

Fui descascando as camadas de concreto da Brasilândia para perceber que ali também a vida **só era possível por causa da delicadeza**. Para além da **brutalidade do desemprego** ou dos baixos salários, do crime e da contravenção, da falta de tanto e também de árvores, havia um mundo de sutilezas. Não fosse assim, ninguém suportaria, haveria suicídios coletivos em favelas e periferias. E não há. Era nisso que eu estava interessada, a vida apesar da violência. As subjetividades que mantinham as pessoas vivendo - e muitas vezes sorrindo e sonhando (p.204).

b) Fontes utilizadas garantir para descrever circunstâncias e dos contextos

As fontes principais de Eliane Brum nesse material foram Dona Eugênia, senhora que a hospedou durante sua estadia na Brasilândia, e Tuca, filha de Dona Eugênia. Elas foram as principais fornecedoras de informação para a repórter. Por meio delas, Brum pode observar detalhes e sutilezas que tornaram possível a sensibilidade da reportagem, não apenas por meio das entrevistas, mas também da observação dessas pessoas e do local.

c) O “eu-narradora”

Ao viver na Brasilândia como estrangeira, essa é a vertigem que me assalta com sua ilusão de ótica. Estou tão perto, logo ali. E já nas primeiras horas me sinto, como todos, apartada. E a sensação real de exílio que se expressa no modo como se referem a uma cidade inacessível, mas que ao menos nos mapas oficiais é a mesma. (p.287)

Diferentemente do capítulo *A Casa de Velhos*, neste, a presença de Brum é mais evidente. A repórter se coloca em primeira pessoa durante o texto e, inclusive, participa de momentos da vida dos moradores. Ao final do capítulo, quando expõe notas sobre a apuração da reportagem, Brum evidencia que tentou manter-se como “estrangeira” a fim de ver o que não era óbvio.

Meu desafio era continuar estrangeira **para manter o olhar de espanto**, necessário para ver uma camada além do óbvio. Mas sem me deixar contaminar pelo olhar de turista, aquele que enxerga a

realidade filtrada pelos seus preconceitos ou pelas suas fantasias. Então só vê aquilo que espera ver, aquilo que acredita ser a verdade daquela realidade - e para isso não é necessário sair de casa (p.303)

d) Aspectos do jornalismo-literário encontrados nos textos

A ideia é viver alguns dias nesse enclave de 250 mil habitantes na zona norte de São Paulo promovido a cenário de cinema. **A vila era vista como feia, suja e malvada.** Desde que virou locação de filme e de seriado da Globo, virou pop. Ou, como diz Tata Amaral, diretora de Antônia, o último longa filmado lá “fotogênica”. Encarnou, como resume a cantora Sandra de Sá, a periferia do Brasil (p.286).

No parágrafo acima, a jornalista usa adjetivos para caracterizar a vila (feia, suja e malvada). Quando diz “enclave”, ela deixa claro, apenas com uma palavra, que Brasilândia não faz parte de São Paulo, mesmo que geograficamente seja da cidade. Brasilândia não faz parte do imaginário, da memória e dos cuidados de São Paulo, defende a autora. Não pertence a São Paulo, tanto quanto a Rua Augusta pertence como conta Ailton Barroso, personagem apresentada por Brum. “A Paulista é a cidade do luxo. A Brasilândia é a cidade do povo brasileiro. Na Paulista, ninguém da nada. Aqui a gente divide. Lá ninguém me vê. Aqui todos me cumprimentam” (p.287). Também busca elucidar o leitor sobre o passado e o presente do ambiente que descreve. Antes vista como feia, suja e malvada, hoje a vila é cenário de cinema e fotogênica.

Esta reportagem mostra o que sempre esteve lá, encoberto pela violência. Porque esta é também a tragédia da favela: os cadáveres são expostos, o que se oculta é a delicadeza. Como as pipas que os meninos teimam em libertar do emaranhado de fios para levá-las ao céu, a ternura é arrancada do concreto dia após dia para que a vida se torne possível. (p.286)

Tentando mostrar que o senso comum dá às pessoas a noção de que a favela é rodeada por caos, tráfico e mortes, Brum quer mostrar a delicadeza do lugar e defende que na periferia, ela está oculta, encoberta pela violência que é a primeira coisa que o senso comum vê. Para tanto, ela usa de mais uma metáfora sobre pipas que são soltas de emaranhados em fios e a ternura da favela que é arrancada de concretos diariamente para que seja possível viver.

e) Aproximações com as técnicas da etnografia

(...) Então limitei-me a ficar apenas olhando, literalmente. O que também era uma tentativa de me tornar menos turista para o olhar deles. Eles não deveriam ficar tentados a me dar o que supostamente eu queria. E foi assim, olhando e escutando sem esperar nada, que eu percebi que no discurso dos moradores daquela esquina da Brasilândia os cachorros estavam no mesmo patamar das gentes (p.303)

Eliane Brum se coloca como observadora e assim percebe singularidades próprias da vizinhança da Brasilândia. O emprego da observação durante a apuração assemelha-se ao trabalho do etnógrafo, defendido por Oliveira (2006) como “olhar, ouvir e escrever”.

A repórter assume um trabalho semelhante ao das ciências sociais chamado observação-participante que diz respeito à participação do observador, quando se torna madrinha de casamento de dois moradores da vila. O fato não se deu por afeto, mas porque a madrinha oficial não tinha os documentos necessários para assinar o livro no cartório. Brum o fez. Logo após a festa do casamento, deixa de ser a madrinha e volta ao papel de jornalista e observadora.

Mas na hora do registro em cartório descobriu-se que dona Marlene não tinha documento. Foi um rebuliço. Para que o casamento não desandasse por falta de madrinha documentada, a repórter assinou a certidão matrimonial. Tudo em nome de um final feliz (p.295)

7.2 HOLOCAUSTO BRASILEIRO

1) **Capítulo *O pavilhão Afonso Pena***

Holocausto Brasileiro trata da história do maior hospital psiquiátrico que funcionou por mais de 50 anos e matou 60 mil pacientes de fome e frio, conforme mostram os registros O colônia, como era chamado, ficava localizado na cidade de Barbacena, em Minas Gerais. Daniela Arbex recebeu o 56º Prêmio Jabuti pelo livro-reportagem em que resgata a história desse lugar e dessas pessoas.

No capítulo O pavilhão Afonso Pena Arbex narra a chegada de Marlene Laureano ao Colônia para trabalhar como assistente psiquiátrica. Descreve o local, o ambiente e as percepções da personagem no momento em que entrou no sanatório.

a) Densidade da descrição e informações que garantem a amplitude da abordagem

O **barulho que o solado do sapato fazia ao tocar as ruas de pedra** confirmava que Marlene tinha pressa. Trinta minutos de caminhada, e lá estava ela de frente ao pontilhão que separava aquele lugar do resto da vila. Cruzou a estação ferroviária, vencendo o portão de ferro. Dali em frente, passou a andar pelo **chão de terra batida** em parte da área de mais de 8 milhões de metros quadrados. **Apesar do tamanho, o complexo não podia ser visto do lado de fora**, por causa da muralha que cercava todo o terreno. Lá dentro, a dimensão daquele espaço **asperamente cinza**, tomado por prédios com **janelas amplas, porém gradeadas**, impressionava. Marlene ainda pôde perceber no pátio alguns **bancos cimentados**. Ao final do trajeto, ela parou em frente ao Afonso Pena, um dos sete pavilhões do Departamento B, com cerca de 1500 metros quadrados. Fechada por fora, a **porta de madeira** que dava acesso aos dormitórios começava a ser abertas.

Um **cheiro insuportável** alcançou sua narina. Acostumada com o perfume das rosas do escritório da Brasil Flowers, onde passou por sua única experiência profissional até aquele momento, Marlene foi surpreendida pelo odor fétido, vindo do interior do prédio. Nem tinha se referido de tamanho mal-estar, quando avistou montes de capim espalhados pelo chão. Junto ao mato havia seres humanos esqueléticos. Duzentos e oitenta homens, a maioria nu, **rastejavam pelo assoalho branco com tozetas pretos** em meio à **imundície do esgoto aberto que cruzava todo o pavilhão** (p.25 com **grifos nossos**)

Há recursos estilísticos de “volta ao passado”: como Daniela Arbex saberia de detalhes como o barulho do sapato apressado de Marlene e o cheiro insuportável que tomava o local, além de outros detalhes subjetivos que ficaram presos ao passado do Colônia? Em contato com Marlene e as personagens sobreviventes do hospício, a repórter pôde ter acesso a informações, detalhes que ficaram em suas memórias e trazidos na obra. Mas, como Arbex volta ao passado, expressa sentimentos e minúcias capazes de dirigir o imaginário e a

atenção do leitor, se não esteve lá, não presenciou, não viveu? Resguarda-se apenas de memórias?

Não se pretende aqui avaliar a veracidade do trabalho de Daniela Arbex, afinal, além de literário, o jornalismo que ela faz é investigativo, procura até nas últimas gavetas empoeiradas arquivos e documentos que constatem o que dirá. A intenção é exatamente demonstrar o brilhante trabalho de apuração de Arbex com o resgate da memória, construção da narrativa e aproximação com o ambiente de que se fala. No prefácio de *Holocausto Brasileiro*, Eliane Brum admira o trabalho de apuração de Arbex e revela que a repórter “viajava 95 quilômetros até Barbacena, todas as manhãs, e voltava à tarde, já exausta pelo que viu e ouviu, para iniciar a rotina no jornal. Entrevistou mais de 100 pessoas, parte delas nunca tinha contado a sua história”.

A riqueza de detalhes, a construção da narrativa e das personagens, além da composição do passado que se constrói na mente do leitor garantem a densidade da descrição. Assim como Brum, Arbex também acentua a quantidade de adjetivos para descrever ambientes e personagens. A reconstrução de cenas do passado que foram resgatadas da memória das personagens são possíveis por meio dos adjetivos atribuídos.

O antigo Arraial da Igreja Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo amanheceu especialmente frio naquela segunda-feira de 1975. Uma espiada pela janela azul de madeira indicava que a neblina típica dos meses de julho tomava conta da rua Demétrio Ribeiro, no bairro Santo Antônio [...] Já na rua, o ar gelado cortava o rosto da jovem. Fazia uns oito graus, mas a sensação era de temperatura negativa. O clima de temperaturas baixas para os padrões brasileiros ainda é uma das características de Barbacena, cidade encravada na serra da Mantiqueira, o maciço rochoso de Minas Gerais. [...] O barulho que o sapato de solado de aço fazia ao tocar as ruas de pedra confirmava que Marlene tinha pressa." (p. 22)

Quando expõe pormenores como a sensação térmica da segunda-feira nublada de 1975, a cor azul da janela de madeira, o barulho que o sapato de solado de aço fazia no chão de pedra, Arbex dá ao leitor detalhes para uma narrativa consistente e uma construção completa do cenário e daquele passado no imaginário de quem acompanha a narrativa.

b) Fontes utilizadas pela autora para garantir a descrição das circunstâncias e dos contextos

Daniela Arbex usou como fonte sobreviventes do holocausto brasileiro, além de um médico e cinco funcionários que trabalharam no Colônia. A aproximação direta e a extensa quantidade de tempo que passou em contato com essas pessoas tornou praticável a riqueza de detalhes buscados na memória de cada um. Além disso, Arbex teve contato com fotografias antigas do fotógrafo Luiz Alfredo, que publicou imagens tiradas no interior do Colônia em 1961 as quais foram publicadas na revista de maior circulação àquela época. As fotografias de Alfredo ilustram o livro. A jornalista teve acesso ainda a documentos do Colônia, da universidade e dos pacientes sobreviventes os quais podem ser verificados no livro-reportagem. As fontes portanto são os sobreviventes do holocausto, as fotografias e documentos da época e médicos, enfermeiros, vigilantes.

c) O “eu-narradora”

Daniela Arbex não se posiciona no texto como percebemos no capítulo *Um país chamado Brasilândia*, de Eliane Brum. Não é notável a participação em primeira pessoa da narradora. Entretanto, a observação é perceptível uma vez que a descrição minuciosa de pessoas e locais se faz iminente quando há observação direta do local e das personagens sobre quem se relata. Os pormenores de situações passadas expostos pela jornalista existem na reportagem por meio de longas conversas, do contato direto e humano com os ex-pacientes e funcionários do Colônia, do resgate de suas lembranças e do cuidado de perceber os gestos, as fraquezas, os olhares, a voz, as mãos. Sutilezas que enriqueceram a descrição.

d) Aspectos do jornalismo-literário encontrados nos textos

A narrativa transcorrendo como na literatura, carregada de particularidades que permitem o leitor viajar na imaginação e sofrer junto com as

personagens as mazelas vividas. Arbex transmite a realidade dura e sensível de Barbacena ao mesmo tempo em que utiliza a retórica literária.

e) Aproximações com as técnicas da etnografia

Viajava noventa e cinco quilômetros até Barbacena, todas as manhãs, e voltava à tarde, já exausta pelo que viu e ouviu, para iniciar a rotina no jornal. Entrevistou mais de cem pessoas, parte delas nunca tinha contado a sua história. Além de sobreviventes do Holocausto, Daniela escutou o testemunho de funcionários e médicos (prefácio de Eliane Brum no livro *Holocausto Brasileiro*).

A jornalista utiliza técnica de observação direta. Voltou ao local, esteve em contato com as personagens sobreviventes, com suas memórias e traumas. A aproximação e o contato direto possibilitaram a densidade da descrição, como já defendido no item anterior, pois viabiliza a percepção da repórter de detalhes que são imprescindíveis para a descrição. A extensa e detalhada narrativa de *Holocausto Brasileiro* é proporcionada por meio da conexão entre pesquisador e pesquisado, entre a repórter, o local e os protagonistas. Sem isso, não haveria densidade e profundidade.

2) Capítulo *Na roda da loucura*

Na roda da loucura é o segundo capítulo do livro-reportagem no qual Daniela Arbex continua construindo o cenário, a situação dos pacientes dentro do Colônia e apresenta uma importante personagem Sônia Maria da Costa, sobrevivente do holocausto que em 2003, quando o livro foi lançado, morava numa Casa de Assistência Social.

a) Densidade da descrição e quais informações garantem a amplitude da abordagem

A densidade da descrição presente no texto parte da riqueza de detalhes e da narrativa com linguagem literária. A profundidade da apuração permitiu a Arbex o conhecimento de detalhes que enriqueceram a narrativa dando maior visibilidade do que e como aconteceu o holocausto em Barbacena.

b) Fontes utilizadas pela autora para garantir a descrição das circunstâncias e dos contextos

Fome e sede eram sensações permanentes no local onde o esgoto cortava os pavilhões e era fonte de água. Nem todos tinham estômago para se alimentarem de bichos, mas os anos no Colônia consumiam os últimos vestígios de humanidade. Além da alimentação racionada, no intervalo entre o almoço e o jantar, servidos ao meio-dia e às 5 horas da tarde, os pacientes não comiam nada. O dia começava com café, pão e manteiga distribuídos apenas para os que estivessem em fila. **A alimentação empobrecida não era a única a debilitar o organismo.** Apesar de o café da manhã ser fornecido às 8 horas, três horas antes os pacientes já tinham que estar de pé. Eles seguiam para o pátio de madrugada, inclusive nos dias de chuva.

Geraldo Magela Franco, um dos guardas que cuidavam da disciplina em 1969, ano em que foi contratado, ainda lembra em detalhes a rotina que cumpriu por três décadas. Aos sessenta e sete anos, o aposentado demonstra estar em dia com a memória. (p.47)

As particularidades do que ocorria dentro do Colônia como o horário que os pacientes acordavam, o que e em que momentos comiam e bebiam e os maus tratos sofridos, não estavam disponíveis para Arbex nos documentos oficiais do sanatório. Por intermédio do contato direto e extensas entrevistas com pessoas que vivenciaram as circunstâncias, foi possível para a repórter ter acesso aos acontecimentos daquela época. Neste capítulo, Geraldo Magela Franco é uma das personagens apresentadas pela reportagem e foi também uma fonte de informações. No trecho destacado, a jornalista evidencia a importância da memória das fontes para o entendimento da narrativa e a volta ao passado. A própria memória é uma fonte.

c) O “eu-narradora”

Assim como no capítulo anteriormente destacado, neste também a jornalista não se coloca no texto. A participação da narradora se dá por meio da observação direta e exposição de material coletado mediante o passado preservado nas lembranças das personagens o que possibilitou a densidade do conteúdo do material.

d) Aspectos do jornalismo-literário encontrados nos textos

É concebível a aproximação do texto analisado com o jornalismo-literário. Detalhamento de cenas, de situações, de cenários e personagens são características essenciais do gênero que une a realidade da vida com as nuances da linguagem ficcional existentes na literatura. Daniela Arbex produz isso. Não apenas o capítulo *Na roda da loucura*, como em todo o livro, trata-se da junção de ambas as áreas de produção. A realidade e a linguagem literária estão presentes e concebem a narrativa envolvente da obra.

e) Aproximações com as técnicas da etnografia.

“É enorme a diferença entre o relacionar-se esporadicamente com os nativos e estar efetivamente em contato com eles”. (MALINOWSKI, 1976, p. 21). O antropólogo citado refere-se ao estudo de tribos desconhecidas e defende a importância do contato direto e efetivo com aqueles que o etnógrafo se propõe estudar. O dever do etnógrafo pode, contudo, ser adaptado ao do jornalista. Como seria a reportagem analisada caso Daniela Arbex não tivesse experimentado o contato direto com os sobreviventes do holocausto? Ela provavelmente não saberia as consequências dos anos de desumanização aos quais essas pessoas viveram. Não teria acesso às memórias que enriqueceram a apuração e a narrativa do livro-reportagem. Diferente de Eliane Brum, Arbex não viveu por dias no local junto aos pacientes. Os acontecimentos e tragédias são apropriados a partir das memórias. Para ela só foi possível o trabalho etnográfico nas memórias dos ex-pacientes, acessadas por meio da convivência.

7.3 PROBLEMÁTICAS DE COMPARAÇÃO

A) Semelhanças entre os trechos de *O Olho da Rua*

Nos trechos dos capítulos *Casa de Velhos* e *Um país chamado Brasilândia*, é recorrente o uso de adjetivos para a descrição e caracterização dos ambientes. É notável também a quantidade de vezes em que são empregadas as figuras de linguagem como metáforas e prosopopeias

configurando à linguagem de Eliane Brum expressividade e emotividade próximas da literatura.

Em *A Casa de Velhos*:

| Adjetivos | Figuras de linguagem |
|---|--|
| ““Há algo de trágico no portão de ferro da Casa São Luiz para Velhice. Melhor que a maioria, a instituição é limpa, decente e cheia de mimos ”. | “A vida inteira espremida numa mala de mão”. |
| “Entre móveis estranhos , faces que não reconhecem, lembranças que não se encaixam”. | “Descobriram na soleira que um passo vale por um abismo ”. |
| “Quem nunca conseguiu comprar um lugar só seu no mundo ocupa uma das quarenta camas gratuitas de um dormitório arejado , mas coletivo ”. | “Do contrário, teria apenas um armário para guardar oitenta anos de vida ”. |

Em *Um país chamado Brasilândia*:

| Adjetivos | Figuras de linguagem |
|--|--|
| “A vila era vista como feia, suja e malvada . Desde que virou locação de filme e de seriado da Globo, virou pop . Ou, como diz Tata Amaral, diretora do filme <i>Antônia</i> , o último longa filmado lá, “ fotogênica ”. | “Só então dona Eugênia abre as portas da Brasilândia, do coração e da casa”. |
| “Porque esta é também a tragédia da favela: os cadáveres são expostos , o que se oculta é a delicadeza”. | “Como as pipas que os meninos teimam em libertar do emaranhado de fios para levá-las ao céu, a ternura é arrancada do concreto dia após dia para que a vida se torne possível”. |
| “E o concreto aqui é tanto um conceito como o material de construção usado nessa arquitetura cinzenta e quase sem árvores”. | “Ele é dono da laje que descortina uma das melhores vistas sobre a capital”. |

B) Semelhanças entre os trechos de *Holocausto Brasileiro*

Daniela Arbex narra linearmente o que a personagem fez, sentiu, viu, ouviu. A descrição cronologicamente linear da trajetória cotidiana de quem ela descreve ocorre tanto no primeiro capítulo *O pavilhão Afonso Pena*, como no segundo *A roda da loucura*. Outra característica em comum entre os capítulos selecionados para análise foi a descrição das cores. As duas recorrências no texto da autora são importantes para o envolvimento e atenção do leitor. A descrição de detalhes como cores e pormenores como o sentir, o ouvir e o ver de cada personagem conferem semelhanças com a literatura e com a veracidade da narração.

Em *O Pavilhão Afonso Pena*:

| Cores | Linearidade cronológica |
|---|---|
| <p>“Uma espiada pela janela azul de madeira indicava que a neblina típica dos meses de julho tomava conta da rua Demétrio Ribeiro, no bairro Santo Antônio. Lá dentro da casa rosa de oito cômodos, Marlene Laureano se preparava para sair”.</p> | <p>“Antes das 5 horas da manhã, ela deixou o quarto e seguiu em direção à cozinha, onde a mãe esquentava leite no fogão à lenha. Vestida com calça de linho roxo e blusa rosa de algodão, roupa que só usava em ocasiões especiais, tomou o rápido café, despedindo-se em seguida. Já na rua, o ar gelado cortava o rosto da jovem (...) O barulho que o sapato de solado de aço fazia ao tocar as ruas de pedra confirmava que Marlene tinha pressa. Trinta minutos de caminhada, e lá estava ela de frente ao pontilhão que separava aquele lugar do resto da vila. Cruzou a estação ferroviária, vencendo o portão de ferro. Dali em diante passou a andar pelo chão de terra batida em parte da área de mais de 8 milhões de metros quadrados”.</p> |
| <p>“Vestida com calça de linho roxo e blusa rosa de algodão, roupa que só usava em</p> | <p>“Durante trinta e dois anos, Regina trabalhou na Ferreira Guimarães. Saía de</p> |

| | |
|--|---|
| <p>ocasiões especiais, tomou o rápido café, despedindo-se em seguida”.</p> | <p>casa ainda de madrugada e caminhava quase duas horas para chegar ao serviço. A jornada exaustiva só terminava no final da tarde, quando a sirene da fábrica de tecidos anunciava que era hora de calar as máquinas”.</p> |
| <p>“Lá dentro, a dimensão daquele espaço asperamente cinza, tomado por prédios com janelas amplas, porém gradeadas, impressionava”.</p> | <p>“A parada na estação Bia Fortes era a última da longa viagem de trem que cortava o interior do país. Quando a locomotiva desacelerava, já nos fundos do Hospital Colônia, os passageiros se agitavam. Acuados e famintos, esperavam a ordem dos guardas para descer seguindo em fila indiana na direção do desconhecido. (...) Os recém-chegados à estação do Colônia eram levados para o setor de triagem. Lá, os novatos viam-se separados por sexo, idade e características físicas. Eram obrigados a entregar seus pertences, mesmo que dispusessem do mínimo, inclusive roupas e sapatos. (...) Todos passavam pelo banho coletivo, muitas vezes gelado. Os homens tinham ainda o cabelo raspado de maneira semelhante à dos prisioneiros de guerra”.</p> |

Em Na roda da loucura:

| Cores | Linearidade cronológica |
|--|--|
| <p>“Num dia de fúria e dor arrancou o próprio dente com um alicate, porque não aguentava mais sentir o rosto latejar. Respondeu com violência ao período mais cinza da sua vida”.</p> | <p>“As duas ainda estavam com as mãos entrelaçadas, quando passaram pela varanda. Dentro da casa havia um cheiro bom de comida. Não tiveram que se despir, não foram amarradas, nem obrigadas a tomar banhos coletivos. Nada de água gelada. Ter seu próprio</p> |

| | |
|---|--|
| | sabonete e toalha era uma grande novidade. Sentiram-se confusas ao descobrirem que havia um guarda-roupa para cada uma”. |
| “Os cabelos brancos ficaram negros de novo com as tintas vendidas no mercado da beleza” | “Ao seguirem pelados para o pátio, os considerados loucos iniciavam o mesmo ritual da madrugada anterior. Em movimentos ritmados, agrupavam-se tão próximos, que formava uma massa humana. Vagavam juntos, com os braços unidos, para que o movimento e a proximidade ajudasse a aquecer. Os de dentro da roda, mais protegidos do vento, trocavam de lugar com os de fora. Assim, todos conseguiam receber calor, pelo menos por algum tempo” |

C) Possibilidade de encontrar pontos em comum entre as autoras

A confluência possível entre as autoras está na aproximação com técnicas linguísticas e literárias e o uso de métodos etnográficos como observação direta e participante para apuração e coleta de dados. Além disso, outro ponto em comum é a utilização da memória das personagens como fonte. Como explica Bronislaw Malinowski,

Na Etnografia, o autor é, simultaneamente, o seu próprio cronista e historiador; e embora as suas fontes sejam, sem dúvida, facilmente acessíveis, elas são também altamente dúbias e complexas; não estão materializadas em documentos fixos e concretos, mas sim no comportamento e na memória dos homens vivos. (MALINOWSKI, 1976, p.19)

O mesmo pode ser pertinente para o jornalismo de profundidade realizado por Eliane Brum e Daniela Arbex, uma vez que as fontes são as memórias, os gestos e também os cenários que compõem a estrutura narrativa que será apresentada pela escritora ao leitor.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente à análise das reportagens *A Casa de Velhos* e *Um país chamado Brasilândia*, do livro *O Olho da Rua*, de Eliane Brum, e dos capítulos *Pavilhão Afonso Pena* e *Na roda da loucura*, retirados do livro *Holocausto Brasileiro*, de Daniela Arbex, nota-se a utilização de técnicas da etnografia para a coleta de dados na apuração. O uso da observação-participante e direta feita pelas repórteres eleva a densidade do material uma vez que a contemplação das personagens e dos cenários com a devida proximidade torna viável a percepção e expressão de pormenores e minúcias percebidas somente por mediação do contato.

O trabalho revela constâncias e padrões de técnicas e métodos de coleta de dados e apuração que as repórteres, Brum e Arbex, premiadas do jornalismo brasileiro, adotaram para produção das reportagens analisadas. Demonstra que por intermédio e com auxílio de procedimentos, estratégias e metodologias emprestadas da literatura e da antropologia é viável fomentar o conteúdo detalhado, humano e sensível que promovem a profundidade esperada do jornalismo.

A presente pesquisa traz elementos que permitem estabelecer comparações entre a etnografia e o jornalismo. A partir de textos em profundidade, é possível verificar caminhos de encontros e intersecções entre as partes que podem acrescentar não somente à pesquisa, mas também à prática diária, levando-se em conta que o jornalismo só poderá fazer diferença se se pautar pela densidade.

Pode-se avaliar ainda que esse campo merece novos olhares como observar no gênero da grande reportagem nas revistas e nos veículos on-line como se dá a observação participante do repórter. Para isso, uma hipótese de trabalho seria acompanhar a rotina de produção e não se restringir apenas à análise dos materiais jornalísticos.

Nota-se a fluência de atributos do jornalismo, da literatura e da etnografia. Técnicas são emprestadas entre uma área e outra para a produção de materiais que agregam conhecimento e estudo para a sociedade. Nesse sentido, se faz importante a continuidade de pesquisas a respeito das influências entre os campos de estudo, a fim de alcançar maiores conhecimentos em relação à produção jornalística voltada à humanização e profundidade das reportagens.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alves. **Jornalismo cidadão**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 31, 2003, p.25-40. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2185>>. Acesso em: 23 de ago. 2017.
- ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. São Paulo: Geração Editorial, 2013.
- BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BOORSTIN, Daniel. **From News-gathering to News-making: A Flood of pseudo-events**. University of Illinois Press, 1971.
- BRAIT, Beth. **A Personagem**. São Paulo: Ática, 1985.
- BRUM, Eliane. **O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. Porto Alegre: Editora Globo, 2008.
- BULHÔES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e Literatura em Convergência**. São Paulo. Ática, 2007.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. 2. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- Org.: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- FIELD, Syd. **Manual do Roteiro**. 14: ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1982.
- GEERTZ, Clifford, 1926. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.
- GEERTZ, C. **Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura**. In: GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- GIRARDI Jr. Liráucio. **A reportagem como experiência etnográfica**. In: Anuário de jornalismo. São Paulo, Cásper Líbero, p.198-213. 2000.
- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Elementos do Jornalismo**. Tradução de Wladir Dupont. São Paulo: Geração Editorial, 2003.
- LEANDRO, Paulo Roberto; MEDINA, Cremilda. **História e literatura**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1988.

- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento da aventura dos nativos nos arquipélagos da nova Guiné Melanésia**. (1922), São Paulo: Abril Cultural. 1976.
- MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda**. São Paulo: Summus, 1988.
- MOURA, Sandra. **Caco Barcellos: o repórter e o método**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise Pragmática da Narrativa Jornalística. In: LAGO, Cláudio; BENETTI, Márcia (Orgs.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2010. P. 143-167.
- NEVEU, Erik. **Sociologia do Jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.
- PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- ROVIDA, Mara Ferreira. **Etnografia e reportagem jornalística: aproximação possível para uma metodologia de pesquisa empírica**. Líbero – São Paulo – v. 18, n. 35, p. 77-88, jan./jun. de 2015.
- RITTER, Eduardo. **New Journalism: o livre amor entre o jornalismo e a literatura**. Rizoma, Santa Cruz do Sul, v. 1, n. 1, p. 57, julho, 2013. Disponível em <<https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/download/3459/2763>> Acesso em 11 de set. 2017.
- SANTOS, Kássia Nobre. **Quando a fonte vira personagem: análise do livro-reportagem A Vida que Ninguém Vê da jornalista Eliane Brum**. 2013.113f. (Mestrado, Área de Concentração em Leitura e Cognição, Linha de Pesquisa em Processos Narrativos, Comunicacionais e Poéticos) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2013.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- TRAQUINA, Nelson. **As teorias do jornalismo: por que as notícias são como são**. Vol. I. Florianópolis: Insular, 2005.

VARGAS, Raul H. **A reportagem literária no limiar do século 21: o ato de reportar, os jovens narradores e o projeto São Paulo de Perfil**. São Paulo: Universidade de São Paulo/ECA, Dissertação de Mestrado, 1998.

WEBBER, Laís Guimarães. **A Personagem no jornalismo: uma análise de Abusado, de Caco Barcellos**. 2014. 93 p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Comunicação Social: Jornalismo, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.